

**Reconversão dos armazéns Abel Pereira da Fonseca,
como um elemento para a revitalização do Poço do Bispo, Lisboa**

João Paulo Marques Fernandes Martins

(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura

Documento Definitivo

Orientação Científica

Professor Auxiliar João Francisco Figueira

Professor Auxiliar José Luís Crespo

Júri

Presidente: Professor Auxiliar Pedro Ravara

Arguente: Professor Auxiliar José Nuno Beirão

Orientador: Professor Auxiliar João Francisco Figueira

Lisboa, FAUL, Setembro 2017

Agradecimentos

Durante a execução deste trabalho acadêmico contei com a paciência, compreensão e ajuda de muitas pessoas. Cada qual à sua maneira, contribuíram para a conclusão deste percurso acadêmico.

Gostaria de salientar a prontidão, disponibilidade e os ensinamentos proporcionados pelo amigo e professor João Figueira, que para além dos desafios lançados durante este processo, despertou sempre em mim, um interesse superior para a arquitetura.

Ao professor e amigo José Luis Crespo, um grande agradecimento pela dedicação e enorme disponibilidade na reta final deste processo.

Ao meu antigo professor e amigo Carlos Lameiro, um muito obrigado pela profunda paixão contagiante que transmite em volta da arquitetura, sempre disponível para adicionar algo mais.

À minha mulher Fátima, e à minha filha Carolina pela paciência e apoio sem limites, que me deram desde o início deste processo, tanto nas piores como nas melhores fases, a sua sinceridade e capacidade crítica, foram determinantes desde o primeiro dia de aulas, tornando-se fundamental na reta final.

Resumo

Neste trabalho trata-se da revitalização de um edifício hoje abandonado, como forma de o resgatar para a cidade e uma alavanca para a transformação do próprio contexto urbano envolvente, também ele em boa parte abandonado e degradado.

O contexto urbano é a antiga zona industrial do Poço do Bispo e o edifício os antigos armazéns da Abel Pereira da Fonseca, firma que entre 1907 e 1993 laborou no sector dos vinhos, estabelecida na zona do Poço do Bispo desde 1910, com armazéns com área de implantação de 3770 metros quadrados, entre a frente ribeirinha e o Largo Leandro da Silva, portanto com posição central na zona.

Desenvolveu-se o projeto final de mestrado em duas partes. A primeira, constituída pela pesquisa da história urbana e arquitetónica, caracterização da área e projetos em curso. A segunda, constituída pela pesquisa de projetos congéneres ao que foi emergindo como hipótese de trabalho e pelo desenvolvimento da proposta, funcional e formal, para a revitalização e reestruturação da Abel Pereira Fonseca.

A proposta compreende a preservação de boa parte do edifício existente, sendo que o setor poente se afecta a museu, com a flexibilidade para, em parte, acolher outros e temporários usos. Na zona central propõe-se um novo átrio, permitindo o acesso à retaguarda do museu (e assim a flexibilidade no acolhimento de outros usos), à cota superior do museu, uma sala polivalente, e à zona nascente, com *food court* e, nos pisos superiores, espaços de *co-work*.

Procurou-se desenvolver um programa que encaixasse bem na preexistência e permitindo alavancar a transformação e qualificação da zona.

Palavras-Chave: Lisboa / Marvila / Poço do Bispo; Abel Pereira da Fonseca; revitalização de edifício industrial; reestruturação arquitetónica.

Abstract

The work undertaken focuses on the revitalization of an abandoned building, as a strategy to rescue it to the city and a lever for the transformation of the surrounding context, also largely abandoned and decaying.

The context is the old industrial district of Poço do Bispo in Lisbon and the building is the old warehouses of Abel Pereira da Fonseca, a company that between 1907 and 1993 has traded in wine, established at this area since 1910, whose warehouses occupy a plot of 3770 square meters, between the river front and Largo Leandro da Silva, at a rather central location in this industrial area.

This work is roughly constituted by two parts. The first, is the research of the urban and architectural histories, characterization of the current state of the area, including on-going projects for its transformation. The second, is constituted by the research of projects related to the hypothesis that emerged as the work was on its way and the development of the proposition for the revitalization and restructuring of the Abel Pereira Fonseca building.

The proposition comprises the preservation of most of the building, with the west side being affected to a museum, with the flexibility of, partly, being able to accommodate other and temporary uses. At the central zone we are proposing a new entrance lobby, distributing to the back side of the museum (and thus the flexibility in the accommodation of other uses), to the upper side of the museum, a multipurpose room, and to the east zone, with a food court and, in the upper floors, co-work spaces.

An attempt was made to develop a programme nicely fitting in the pre-existing building and that could lever the transformation and qualification of the surrounding urban area.

Key-words: Lisboa / Marvila / Poço do Bispo; Abel Pereira da Fonseca; revitalization of an industrial building; architectural restructuring.

Índice geral

Agradecimentos	I	
Resumo.....	II	
<i>Abstract</i>	III	
Índice Geral.....	V	
Índice de Figuras.....	VI	
1. INTRODUÇÃO		
1.1. O Poço do Bispo	1	
1.2. A Abel Pereira da Fonseca	4	
1.3. Metodologia	6	
2. ESTADO DA ARTE E ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO		
2.1. A evolução da zona oriental da cidade	8	
2.2. A desindustrialização da zona oriental.....	16	
2.3. Património Industrial	17	
2.4. Os Planos para zona oriental.....	18	
2.5. Caracterização social da área de estudo	19	
2.6. A Abel Pereira da Fonseca e suas instalações	23	
2.7. A reestruturação do Poço do Bispo e a Abel Pereira da Fonseca	26	
2.8. Projetos de referência	27	
3. PROPOSTA		
3.1. Memória Descritiva.....	34	
3.2. Programa	35	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		39
Bibliografia.....	40	
Anexos.....	44	

Índice de Figuras

Pág.

Fig. 1. Enquadramento do Poço do Bispo com a freguesia de Marvila.....	1
Fonte: autor	
Fig. 2. Vista para o Convento do Beato.....	2
Fonte: autor, 2017	
Fig. 3. Autor desconhecido, zona Industrial de Cabo Ruivo, 1950.....	2
Fonte: Folgado e Custódio, 1999, p.11.	
Fig. 4. Armazéns Abel Pereira da Fonseca, Praça David Leandro da Silva, Lisboa, 1923.....	3
Fonte: https:// http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=ABEL+PEREIRA+DA+FONSECA	
Fig. 5. José Domingos Barreiro, Praça David Leandro da Silva,	4
Fonte: autor, 2017	
Fig. 6. Abel Pereira da Fonseca.....	4
Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=ABEL+PEREIRA+DA+FONSECA	
Fig. 7. Ocupação dos armazéns, planta.....	5
Fonte: autor, 2017	
Fig. 8. Navegação no estuário Tejo, gravura, século XV.....	8
Fonte: http://aps-ruasdelisboacomhstoria.blogspot.pt/2014/09/	
Fig. 9. Excerto do Foral da Portagem de Lisboa, 1377.....	9
Fonte: http://digitalq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4499791	
Fig. 10. Real Fabrica dos Tabacos, 1859.....	10
Fonte: http://www.museudelisboa.pt/pecas/detalhe/news/a-antiga-fabrica-de-tabacos-de-xabregas.html	
Fig. 11. Praias de Xabregas, 1930.....	12
Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_vMZxJeLUiJQ/S3bHV3mmeqI/AAAAAAAAADUA/uBrzROeRH8/s1600-h/3-Xabregas+Praia+APS1942+122.jpg	
Fig. 12. Elementos para o estudo do plano de urbanização da cidade de Lisboa, 1938, planta nº 5.	
Fonte: Brito e Camarinha, 1938.....	14
Fig. 13. Cartografia com indicação antiga orla ribeirinha c. 1850, com Vista aérea, 2014.....	13
Fonte: Google Maps e edição do autor	
Fig. 14. Planta com localização das principais indústrias, 1950.....	14
Fonte: Folgado e Custódio, 1999, p. 20 e 21	

Fig. 15. Cais particular Abel Pereira da Fonseca.....	14
Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/10/abel-pereira-da-fonseca-era-no-inicio.html	
Fig. 16 – Capas do Boletim / Anuário de Trabalho Industrial, 1939.....	15
Fonte: http://oportunityleiloes.auctionserver.net/view-auctions/catalog/id/615/lot/161245/?url=%2Fview-auctions%2Fcatalog%2Fid%2F615%2F%3Fpage%3D31	
Fig.17 – Ocupação da Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata, 1908.....	16
Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=bra%C3%A7o+de+prata	
Fig. 18. Rua da Cintura do Porto de Lisboa.....	17
Fonte: autor, 2017	
Fig.19. Planta com localização do Plano pormenor Matinha (A), e Jardins de Braço de Prata (B) e Abel Pereira da Fonseca (amarelo).....	18
Fonte: autor, 2017	
Fig. 20. Evolução da população de Marvila 1960–2011.....	21
Fonte: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacao :	
Fig. 21. População de Marvila e freguesias, 2011.....	21
Fonte: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacao :	
Fig. 22. Lisboa e Marvila, população residente, 2001-2011.....	22
Fonte: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacao :	
Fig. 23. Lisboa e Marvila, População residente por grupos etários.....	23
Fonte: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacao :	
Fig. 24. Desenho da fachada principal projetada pelo Arqº Norte Júnior.....	24
Fonte: Arqº Norte Júnior, Abel Pereira da Fonseca, Fachada principal, 1982.	
Fig. 25. Rua da Cintura do Porto de Lisboa, c. 1930.....	25
Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=ABEL+PEREIRA+DA+FONSECA	
Fig. 26. Produtos comercializados, c. 1930.....	25
Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=bra%C3%A7o+de+prata	
Fig. 27. Caves Grahams, 2013.....	28
Fonte: http://www.archdaily.com/384935/graham-s-1890-lodge-rehabilitation-luis-loureiro-p-06-nuno-gusmao	
Fig. 28. Matadero Madrid.....	29

Fonte: autor, 2016

Fig. 29. Novo museu dos Coches, 2015..... 30

Fonte: <http://www.archdaily.com/637271/museu-dos-coches-paulo-mendes-da-rocha-mmbb-arquitetos-bak-gordon-arquitectos>

Fig. 30. TimeOut Lisboa.....30

Fonte: autor, 2017

Fig. 31. Tabela de áreas da Abel Pereira da Fonseca.....31

Fonte: autor, 2017

Fig. 32. Tabela de programas idênticos em outros projetos de referência.....32

Fonte: autor, 2017

Fig. 33. Planta de ordenamento, Qualificação do solo, extrato.....34

Fonte: CML, 2012

Fig. 34. Esquema do programa do edifício.....35

Fonte: autor

Fig. 35. Reestruturação quarteirão norte.....38

Fonte: autor

1. INTRODUÇÃO

1.1. O Poço do Bispo

Integrando um dos bairros da freguesia de Marvila, o Poço do Bispo é delimitado, a Nascente, pelo rio Tejo e a Avenida da Cintura do Porto de Lisboa, a Norte, pelo Parque das Nações e, a Sul, pela Freguesia do Beato. É interrompido na sua relação com a cidade, a Poente, pela linha férrea do norte. Liga-se às avenidas novas da cidade através do eixo que liga Cabo Ruivo a Entrecampos.



Fig. 1. Enquadramento do Poço do Bispo com a freguesia de Marvila.

O Poço do Bispo em meados do século XIX, tinha os seus vales ocupados por quintas e hortas exploradas por população originária do norte do país. Destacam-se, a Quinta dos Ourives, da Rosa, das Flores, das Amendoeiras, do Leal e do Marquês de Abrantes, muitas delas ainda hoje facilmente perceptíveis, como o Palácio da Mitra, na Rua do Açúcar, e diversos monumentos religiosos notáveis, como o antigo Convento do Beato (JFM, 2016).



Fig. 2. Convento do Beato, vista, 2017

Com o desenvolvimento industrial ao longo do século XIX, o Poço do Bispo segue a tendência da freguesia nesta altura, sendo até um dos locais com mais aglutinação de pessoas, nesta época com inúmeras vilas operárias ocupadas na totalidade, o que se traduziu até meados do século XX com a instalação de algumas unidades fabris, compreendidas entre a Rua do Açúcar e Braço de Prata. São deste período as tanoarias da Rua Capitão Leitão e os armazéns de vinhos de Abel Pereira da Fonseca. Sendo um dos bairros que mais evoluiu com a industrialização, foi também um dos que mais sofreu com a decadência da indústria.



Fig. 3. Zona Industrial de Cabo Ruivo, c.1950



Fig. 4. Armazéns Abel Pereira da Fonseca, Lisboa, 1923.

A partir da década de setenta, no Poço do Bispo, um número reduzido de edifícios viria a ser reconvertido para outros usos, entre restauração e oficinas, os novos ocupantes perceberam que estavam na presença de espaços facilmente adaptáveis ao seu negócio e com uma localização vantajosa. Ainda assim esta ocupação sem um plano de conjunto não foi suficiente para seduzir, quer a reabilitação do lugar, quer a construção de nova habitação. Pelo contrário, foi criado a Norte o Parque das Nações, que acabaria por se tornar facilmente acessível e referenciável, e a Poente da linha férrea, novos bairros foram construídos no vale de Chelas. A cidade teimava assim em desenvolver-se além da linha férrea e em direção oposta ao rio (Folgado e Custódio, 2000).

Apesar de ter uma relação fraca com a cidade, vincada à medida que nos aproximamos do rio, o Poço do Bispo é animado em algumas horas do dia, de noite sente-se a falta de presença de indivíduos e uma envolvente escura e vazia que anuncia um cenário de risco, como se um lugar de ninguém se tratasse. Ainda assim é um local chave da freguesia de Marvila, com uma centralidade entre a baixa de Lisboa, Avenidas novas, Aeroporto e Parque das Nações, com transportes públicos presentes, e edifícios com alguma qualidade arquitectónica, como o edifício da José Domingos Barreiros.



Fig. 5. Vista atual do Edifício José Domingos Barreiros, 2017

1.2. A Abel Pereira da Fonseca

Nascido em Almeida, na Guarda, Abel Pereira da Fonseca (1876-1955) imigraria para Lisboa como era comum a muitos jovens da sua idade. Chegado a Lisboa, iniciou o seu trabalho no ramo do comércio até 1906, tendo garantido algumas poupanças, viria a juntar-se ao seu sócio Francisco de Assis. Fundando assim a firma Abel Pereira da Fonseca e Companhia, Lda. (Barbosa, 2011).



Fig. 6. Abel Pereira da Fonseca

A firma Abel Pereira da Fonseca foi um dos grandes entrepostos comerciais do início do século XX. A sua atividade industrial era principalmente constituída pelo armazenamento, tratamento e transformação de vinhos, licores e azeites, tendo sido Abel Pereira da Fonseca e os seus sócios pioneiros da indústria alimentar em Portugal.

Os primeiros armazéns localizavam-se na Rua da Manutenção do Estado, em Xabregas, vindo posteriormente a posicionarem-se na zona do Poço do Bispo. Ao longo dos anos, Abel Pereira da Fonseca e os seus sócios, foram ampliando as instalações da firma, transformando o pequeno armazém, na Rua Amorim, em 1910, para uma ocupação de quarteirão, concluída em 1930. Com o encerramento da empresa, no início dos anos 90, atualmente as instalações, de propriedade da família Nunes Correia, têm vindo a ser alugadas a diversas empresas, com diversos usos, não estando ocupados o edifício central de armazenamento e o edifício de escritórios. A antiga empresa Abel Pereira da Fonseca continua assim a marcar a zona do Poço do Bispo onde esse se insere.



Fig. 7. Ocupação dos armazéns, planta, 2017

A Abel Pereira da Fonseca está na origem e é bem representativa do tecido empresarial que se desenvolveu na zona entre os séculos XIX e XX.

Com efeito, gerou um polígono de armazéns de que faz parte e que se encontram espetantes, o que constitui um problema e um potencial para a transformação da cidade. Os armazéns, sem particular qualidade arquitectónica, constituem uma oportunidade para a regeneração da zona. Mas há ainda o caso do edifício-sede, projetado pelo arquiteto

Norte Junior (1878-1962), que faz frente com a Rua Amorim e Rua do Açúcar, classificado como de interesse público.

Considerando a sua qualidade e singularidade, escolhemos o edifício principal dos antigos armazéns da firma Abel Pereira da Fonseca e o conjunto sobranceiro à Rua Amorim, completando assim um volume, que remete a uma memória do labor da firma Abel Pereira da Fonseca.

Conforme com o que já foi exposto, acreditamos que uma intervenção nos armazéns Abel Pereira da Fonseca ajudará à revitalização da zona do bairro do Poço do Bispo. Mesmo que a vida quotidiana seja influenciada por inúmeros fatores, para além da arquitetura, o despoletar para a reabilitação do bairro trará nova vida ao mesmo, ainda mais neste lugar, tão cheio de tradição e identidade.

1.3. Metodologia

O trabalho compreendeu as seguintes fases:

a) Investigação da história urbana. Teve-se como objeto a zona oriental da cidade, tendo a investigação incidido sobre a cartografia, bibliografia, fotografias e documentação histórica em relação à área, à sua industrialização e desindustrialização. Pretendeu-se a compreensão da forma urbana e seu estado atual, devoluto e em parte espetante, noutra parte em mutação.

b) Caraterização social da área de estudo, Com incidência em dados estatísticos, que fatores, para além de todo o processo de industrialização, terão contribuído para a movimentação da população para e da zona em estudo.

c) Investigação da história da empresa e da sua arquitectura. Pelas razões já referidas, de interesse histórico, arquitetónico e de interesse estratégico, selecionada a Abel Pereira da Fonseca como área de intervenção, estudou-se a história desta empresa e as suas instalações. Pretendeu-se entender o fenómeno Abel Pereira da Fonseca, não como iniciativa privada, individual, mas como o inaugurar uma nova época, de que a firma foi protagonista de relevo.

A par dos estudos de caraterização, conversas com antigos funcionários e visitas à zona, foi crescendo a convicção que o edifício da firma Abel Pereira da Fonseca se prestava à

instalação de um núcleo museológico, ligado às atividades do vinho, restauração, habitação pontual e trabalho em regime de *co-work*. Isto em linha com o Plano Diretor Municipal de Lisboa (PDML), que para Marvila propõe atrair mais habitantes, empresas, acelerar a reabilitação urbana, qualificar o espaço público devolvendo a frente ribeirinha às pessoas, não esquecendo a mobilidade sustentável. Foi a partir destas hipóteses que desenvolvemos as seguintes fases:

d) Comparação de espaços museológicos congéneres e outros, nacionais e internacionais, tendo em vista a formulação de um programa e seu dimensionamento geral;

e) Estudo de casos relevantes para o desenvolvimento do projeto, em aspectos tais como a projeção do novo átrio central;

f) Trabalho em maquete, nas escalas 1/500 e 1/200, incidindo sobre a tipologia e reestruturação do conjunto, localização de acessos e núcleos de circulação vertical, entre outros aspetos;

g) Trabalho de desenho, nas escalas 1/500, 1/100 e de maior detalhe, incluindo e aprofundando os aspectos já referidos, nomeadamente o desenho da zona do novo átrio.

2. ESTADO DA ARTE E ESTUDOS DE CARACTERIZAÇÃO

2.1. A evolução da zona oriental da cidade

Já os Romanos conferiram a Lisboa a qualidade de município e desde então a cidade não deixará de crescer, densificar-se, e a sua estrutura administrativa complexificar-se. De acordo com a carta de Foral da Portagem da cidade de Lisboa (1377), “*documento real utilizado em Portugal, que visava estabelecer um Concelho e regular a sua administração, deveres e privilégios*” (infopedia, 2013), Lisboa teria sido não só um centro de consumo, mas também como centro de distribuição, a atestar a intensidade com que se já se fazia a navegação e comércio em toda a área do estuário do Tejo.



Fig. 8. Navegação no estuário Tejo, gravura, século XV

Com os descobrimentos, no século XV, o porto de Lisboa viria ainda a valorizar mais a cidade, como porto de mar, pólo económico, e de importância imperial. Lisboa atinge assim uma amplitude na conjuntura internacional, assumindo o papel de capital social, cultural e política, posicionando-se como uma charneira entre o sul e o norte do país. Os dados estatísticos do início do século XVI, que traduzem o primeiro Censo Populacional em 1527, denotam já este carácter de Lisboa, identificando esta como a principal cidade do reino (AML, 2003).



Fig. 9. Excerto do Foral da Portagem de Lisboa, 1377

No entanto, seria no início do século XVIII, numa cidade caracterizada na sua maioria como um espaço agrícola, composto por casas senhoriais e quintas, que a zona compreendida entre Xabregas e o Poço do Bispo iria conhecer uma enorme transformação, quer do espaço agrícola, quer da orla ribeirinha.

A par desta transformação, dava-se a revolução industrial na Europa, com início na segunda metade do século XVIII. Esta trouxe uma associação de mudanças para a Europa, onde grande parte da população vivia nos meios rurais, em regime de subsistência, consumindo o que produzia da agricultura, dedicando-se ao tratamento de inúmeras matérias-primas de forma artesanal.

Com a Revolução Industrial este processo passou para uma relação entre artesão e as máquinas, inicialmente em Inglaterra em 1760, principalmente na introdução de novos processos de fabrico nas manufaturas, em que passavam a coexistir o uso das máquinas com a sabedoria dos artesãos, estes que anteriormente trabalhavam no campo. O que contribuiu para o aumento da produção final, em algumas indústrias, o uso da maquinaria permitia mesmo a substituição do artesão em determinadas tarefas. Surge assim uma nova classe, a operária, que em troca de um salário baixo sujeitava-se a uma profunda exploração (Castro, 2015).

Em Portugal o arranque da industrialização deu-se de forma muito lenta, entre 1813 e 1835. Existiu apenas um avanço na indústria artesanal e manufatureira, mas ainda sem recursos, a maquinaria, e a força motriz. Estes novos recursos só iriam ser utilizados a partir de 1835, permitindo um verdadeiro arranque da industrialização a partir de 1840.

Lisboa surge assim na linha da frente da industrialização do país, numa primeira fase com o motor a vapor a desempenhar um papel muito importante, nos ramos da indústria de tecelagem, fiação e estampagem de algodão, passando rapidamente à metalúrgica. Numa segunda fase aplicada à agricultura, extracção de óleos industriais, indústria de superfostatos e metalúrgica pesada.

Mesmo não acompanhando a Europa, acabaram por existir grandes naves industriais, que viriam a contribuir para a economia local e crescimento de emprego. Foi também uma das razões para o êxodo rural em direcção às cidades, transformando o aspeto destas. Em Portugal, cidades como o Porto, Covilhã e Lisboa foram as pioneiras destas instalações (Castro, 2015).

Paralelamente à industrialização existiram outros fatores que viriam-se a constatar oportunos para a mesma. Um deles foi a extinção das ordens religiosas, que conduziu à nacionalização das suas propriedades, estas que eram de características agrícolas foram rapidamente adquiridas pela burguesia liberal, que renovou a agricultura e introduziu os proveitosos negócios das manufaturas e da indústria. É também por esta altura que se fazem notar os primeiros edifícios notáveis de Lisboa Oriental, estes iniciavam a presença de indústrias, como a Fundação dos Canhões e a Real Fábrica dos Tabacos. “*Esta lenta transformação da paisagem agrícola de Lisboa em industrial, pelo efeito da propriedade, constitui uma outra lógica que não deve ser descurada na caracterização dos novos ambientes*” (Folgado e Custódio, 2000, p. 16).



Fig. 10. Real Fabrica dos Tabacos, 1859.

No entanto outros fatores intensificaram o desenvolvimento industrial na área urbana de estudo. As políticas do antigo regime e os interesses da burguesia ligada ao Brasil,

relacionadas com o comércio atlântico, promoviam também o desenvolvimento de manufaturas como os curtumes, cerâmica, refinação açúcar e o fabrico do sabão que necessitava do azeite no processo, este aproveitava o fato de que a zona agrícola dos Olivais era abundante nesta matéria-prima.

A criação da Estrada Fiscal em 1852, não vem só facilitar a cobrança integral dos direitos de consumo, controlando os bens que entravam e saíam da cidade, como também limitar e circunscrever alguns bairros da cidade, nasce assim o concelho dos Olivais. Estas circunstâncias, ditariam os Olivais como área industrial de excelência, que assim se manteria até 1885 (Arqueólogos Portugueses, 1829).

Enquanto na Europa se assiste à segunda fase da revolução industrial (1860–1945), em países como a Alemanha, França, Itália e Rússia, com desenvolvimento do motor a vapor, a locomotiva, a introdução do aço, a invenção do motor a combustão e mesmo o desenvolvimento de produtos químicos. Em Portugal e com o território urbano a crescer, em 1885, executa-se uma nova reforma administrativa, nascendo o Bairro Oriental. Lisboa Oriental viria assim a atingir a sua máxima vivacidade, contribuindo para uma expansão para norte, a implementação da linha de caminhos-de-ferro, permitiu o crescimento dos concelhos de Vila Franca de Xira e Loures, este último viria, em 1895, a contemplar a área urbana correspondente a Sacavém e Camarate (Folgado e Custódio, 2000).

Embora esta transformação urbana tenha sido intensa, até 1930, ainda se conseguia observar, na zona compreendida entre o Terreiro do Paço, Santa Apolónia e Poço do Bispo, dois indicadores da orla ribeirinha original. Um deles, pequenos recortes ao longo da costa, onde eram construídas estruturas em madeira, possibilitando assim o encosto de pequenas embarcações, o que permitia um desenrolar de atividades económicas e sociais, relacionadas diretamente com o rio. Um outro indicador era a existência de praias, em Xabregas e Poço do Bispo, que permaneceram em perfeitas condições de salubridade até ao final dos anos 30. Como iremos constatar, quer os pequenos cais acostáveis, quer as praias, eram obstáculos à modernização.



Fig. 11. Praias de Xabregas, 1930

Todo este desenvolvimento, acabaria por se traduzir num aumento demográfico, pelo que, em 1938, tornou-se necessário executar um conjunto de reformas administrativas. É nesta altura que a Câmara Municipal de Lisboa decide iniciar uma série de estudos urbanísticos, contratando Étienne de Gröer, russo de origem francesa, para o cargo de urbanista-conselheiro na Câmara Municipal de Lisboa. Estes estudos, originariam o Plano de Urbanização da Cidade de Lisboa (1938), que estabelece uma série de transformações urbanísticas (Brito e Camarinha, 1997).

Uma das consequências desse plano, seria a determinação da Zona Industrial do Porto de Lisboa, aprovada por Decreto Lei, em 19 de Outubro 1942. Resolvendo-se desta forma vários problemas existentes na zona Ocidental da cidade, onde também existiam centenas de fábricas, era alvo de exigências por parte da burguesia, no sentido de a qualificar como uma zona de lazer. *“Com a escolha do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém como expressão da alma portuguesa, acudia-se a um desafronto e resolvia-se uma polémica com décadas de discussões”* (Folgado e Custódio, 2000, p. 9).



Fig.12. Estudo do plano de urbanização da cidade de Lisboa, planta nº 5, onde é visível a vermelho a localização das principais indústrias, 1938

Uma vez resolvido o problema da fixação industrial a ocidente, estavam assim reunidas as condições para, num curto espaço de tempo, se proceder a uma profunda transformação da paisagem ribeirinha na zona oriental da cidade. Com a presença da linha férrea (1843-1865), dos novos meios mecânicos, como as dragas a vapor, tornava-se mais fácil proceder a um elevado número de aterros, alterando profundamente a linha de costa. Esta profunda mudança na orla ribeirinha viria, não só a permitir o encosto de embarcações de grande dimensão, mas também a implantação de indústrias poluentes, como a fábrica de gás e depósitos de gasolina (1936-1940).



Fig. 13. Cartografia com indicação antiga orla ribeirinha c. 1850, com Vista aérea, 2014

Paralelamente à instalação destas indústrias, a rede viária viria a ser melhorada com as obras na construção da Av. Infante D. Henrique (1936-1940), acelerando a transformação de toda a zona oriental entre Xabregas e a Doca dos Olivais (Folgado e Custódio, 2000).



Fig.14. Localização das principais indústrias, c. 1950

De acordo com o descrito, foi no âmbito desta profunda transformação da zona oriental da cidade que a firma Abel Pereira da Fonseca, iniciou a sua atividade vinícola, tirando partido, uma vez mais da proximidade ao rio. A firma recebia a “matéria-prima” por terra e escoavam-na para todo o país através do rio Tejo, usando para isso o seu cais particular.



Fig.15. Cais particular da firma Abel Pereira da Fonseca, c. 1930

Esta presença industrial motivaria a procura de melhores condições de vida e emprego, de gentes migradas de todo o país para a cidade, que se foram estabelecendo em algumas zonas do interior da cidade, enquanto que nos terrenos mais próximos do Tejo assumia-se uma tendência industrial.

A confirmar esta evolução social, podemos referir os dados estatísticos da Junta do Comércio, órgão do Estado Português que regulava o comércio em geral, relatam que entre 1775 e 1830 existia uma continuidade de oficinas e manufaturas. O Boletim do Trabalho Industrial, indicava que o nível de emprego e o tipo de indústria em 1890, estava dividido por 156 ramos de indústria diferentes no 1º Bairro da cidade, no qual se integrava Lisboa oriental, era aqui que se encontravam os principais parâmetros da industrialização de Lisboa. Assim e de acordo com o relatório do ano 1915, a Oriente, o número de indivíduos empregados (homens e mulheres) ultrapassava os 15.000. As conclusões revelam a permanência e extensão do sector secundário, 43,7 % num universo de 270 empresas. Nas indústrias transformadoras o pessoal operário ocupava ainda 11400 postos de trabalho. Com outras indústrias, comércio e pessoal administrativo atingia-se quase os 21000 trabalhadores. “*As empresas continuavam a justificar a permanência por efeito do Porto de Lisboa*” (Folgado e Custódio, 1999, p. 21).



Fig. 16. Capas do Boletim / Anuário de trabalho industrial, 1939

2.2. A desindustrialização da zona oriental

No final da década de oitenta, o aparecimento de novos meios de fabrico e energias fez com que grande parte da indústria se desloque para a periferia, terminando assim o ciclo de crescimento industrial da zona oriental. Inicia-se assim a fase da desindustrialização, edifícios e espólio industrial, ficam ao abandono, sem que seja considerada qualquer medida de salvaguarda para este património, assiste-se com uma indiferença ao fecho de inúmeras fábricas e complexos industriais.



Fig. 17. Ocupação da Fabrica de material de guerra de Braço de prata, 1908.

Desde então, a imagem industrial que constituía a zona oriental da cidade no século XIX tem sido remetida para um papel de memória e nostalgia, do que terá sido uma época promissora. Edifícios imaginados para um funcionamento intenso, chegavam ao fim da função para que tinham sido concebidos. Tudo isto gerou rapidamente inúmeras opiniões acerca do seu destino, passando a sua qualidade arquitetónica para segundo plano, em prol de interesses económicos (Folgado, 2012).

No Poço do Bispo, local onde se localiza o nosso caso de estudo, tem existido alguma procura de antigos espaços industriais para a instalação de escritório, ginásios, galerias de arte, restauração e até venda de materiais de construção. Estas iniciativas têm-se desenvolvido sem coordenação.



Fig. 18. Rua da Cintura do Porto de Lisboa, c. 1930

2.3. Património industrial

Podem ou devem enquadrar-se as instalações da Abel Pereira da Fonseca no âmbito do "património industrial". Entendemos este conceito em duas acepções complementares. A primeira, remontando à origem latina da palavra "património", *Patrimonium*, em que *patri* significa "pai" e *monium* "recebido" (priberam.pt, 2017) (Rosa, 2011). Citando Salvador Rodriguez Becerra, este inclui “*todos os recursos que são herdados, bens móveis e imóveis e de capital, constituem uma herança dos nossos antepassados, e que deveria de ser difundido às gerações futuras*” (Becerra, 1996, p. 42). O segundo e complementar sentido é o de, Nizhny Tagil, que refere que “*O património industrial compreende vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico*” (Tagil, 2003, p. 3). O autor refere ainda que locais de refinação, entrepostos e armazéns, e até às habitações que estiveram de certa forma relacionadas com a indústria, fazem parte do extenso conjunto industrial, e é nesta definição que se enquadra o nosso caso de estudo, cronologicamente o património industrial que tratamos aqui, insere-se na época da revolução industrial (Tagil, 2003).

Toda a zona e em particular o Armazém da Abel Pereira Fonseca, testemunham quanto a formas (ultra)passadas da transformação de matérias primas, com grande singularidade, tecnológica e tipológica, através das estruturas industriais que nos chegaram até hoje. Trata-se de um património que importa preservar e a transformação das estruturas herdadas constitui o meio para o fazer, incorporando a singularidade de tais estruturas.

Trata-se, por fim, de um valor, que importa realçar; a transformação / reestruturação tem que ser encarada como forma de exponenciar tal valor.

2.4. Os planos para zona oriental

Contudo, nem todas as pré-existências têm o mesmo valor, e é assim que as cidades também se transformam com operações mais ou menos profundas de substituição do seu edificado, ou mesmo dos seus traçados. Foi o que aconteceu com a Expo 98, hoje Parque das Nações, e, em parte, se passa no território entre o Poço do Bispo, a zona da Fábrica do Braço de Prata e o Parque das Nações. Aqui existem fundamentalmente dois principais planos parcelares aprovados, ou mesmo em fase inicial de implementação.



Fig.19. Planta com localização do Plano pormenor Matinha (A), Jardins de Braço de Prata (B), e Abel Pereira da Fonseca (amarelo).

O primeiro é o Plano de Pormenor da Matinha, do atelier Risco. O plano abrange uma área de 31,7 ha a sul do Parque das Nações e tem 328.000 m² de área de construção, situa-se entre a linha de comboio e o rio Tejo. O programa compreende usos residenciais, comércio, serviços e reserva espaço para a futura Catedral de Lisboa. O principal objetivo do plano é garantir a continuidade entre as partes de cidade a norte e a sul e entre esta e o rio. Assim, tem como via estruturante uma nova avenida dando continuidade à Alameda dos Oceanos, que, por sua vez ligará, a sul, ao empreendimento de Renzo Piano.

Uma nova via com a direcção nascente-poente cruza sobre a linha de comboio, ligando ao prolongamento da Avenida dos Estados Unidos da América.

Propõe-se um Parque Verde enquadrado entre antigas estruturas industriais existentes e dá-se continuidade ao passeio ribeirinho do Parque das Nações, que assim se prolonga a sul. Reconvertem-se antigas instalações da Administração do Porto de Lisboa, para funções de lazer, trazendo animação diurna e nocturna.

O plano pretende ainda privilegiar o sistema de vistas, não só das varandas e terraços, mas também dos logradouros e pátios (Risco, 2005-11).

O segundo, é o plano-projecto dos Jardins de Braço de Prata, do arquiteto Renzo Piano. Ocupando uma área com cerca de 9 ha, combina urbanismo com arquitetura, entre a antiga zona industrial e o Tejo. A intervenção é composta por edifícios residenciais, cerca de 499 fogos, e comércio circundante, tendo como objetivo dinamizar a zona. A malha preexistente inspirou a nova, inclui-se atravessamentos, e uma rua paralela ao Rio Tejo funciona como eixo principal do plano, beneficiando o percurso pedonal, garantindo a instalação de comércio e transporte público. Os edifícios são inspirados no passado industrial de Braço de Prata e na arquitectura da cidade, fachadas de rua com forma simples e regular, com o surgimento de pátios no seu interior. O projecto encontra-se em construção (Piano, 2006).

A nossa área de intervenção, onde se situa o edifício Abel Pereira Fonseca, localiza-se imediatamente a seguir, mais a sul.

2.5. Caraterização social da área de estudo

Marvila (vila do mar), de origens rurais e inserida no concelho de Lisboa, tem uma área de 6,29 km², alberga cerca de 38102 residentes, e tem uma densidade de 6057,6 hab./km² (INE, 2011). Divide-se por dois vales, Fundão e Chelas. Tem uma forma variada e com vários níveis de conservação.

Já por volta do séc. XVI observa-se o estender de Lisboa ao longo do rio, fenómeno que se acentua com o desenvolvimento da atividade marítima associada ao comércio das Índias e à descoberta do ouro no Brasil. Com o terramoto de 1755 e a posterior reconstrução desenvolve-se essa relação com o rio (George e Morgado, 2005).

Com a população de Lisboa a crescer com gentes oriundas da província, e com a tendência para o desenvolvimento ao longo da frente fluvial, foi assim que a cidade se desenvolveu

em Marvila. No ano de 1852 Marvila ainda fazia parte do concelho dos Olivais, passando a integrar o concelho de Lisboa em 1886. Nesta altura era um enorme terreno expectante em torno do Convento de Chelas. É a partir desta data que a zona se começará a transformar (Folgado e Custódio, 2000).

Imaginemos Marvila em meados do século XIX, gentes de todo o país, na sua maioria vindas do norte, acabadas de chegar à cidade à procura de trabalho, acabariam por se ocuparem no setor agrícola, participando assim na ocupação das encostas, onde estavam grande parte das quintas (JFM, 2016). Um dos principais locais de fixação humana foram os lugares como o do Poço do Bispo, Matinha, Braço de Prata e Cabo Ruivo.

No entanto, o maior desenvolvimento deu-se ao longo do século XIX, com o incentivo proporcionado pela industrialização. Marvila evoluiu de cenário rural para um industrial, fortemente marcado como um destino industrial relevante, com atividades de fundição, tabacos, malhas, cortiça, cereais, loiças e gás, empresas ligadas a atividades portuárias e inúmeros bairros e vilas operários proliferavam pela freguesia. Marvila atinge assim o seu auge populacional no início do século XX. Gentes de todo o país deslocam-se para aqui impulsionadas pelo emprego originado pelas indústrias, desta forma surge um incremento populacional a partir dos anos 60 do século passado.

Com o início da globalização e a desindustrialização do Ocidente os edifícios industriais acabariam por chegar ao fim da função para a qual foram concebidos. A população perde o emprego. Parte mantem-se na zona, convertendo-se a novas atividades, mas famílias inteiras acabariam por se deslocar para a periferia da cidade, traduzindo-se num decréscimo da população residente a partir do início dos anos noventa (Nunes e Sequeira, 2011).

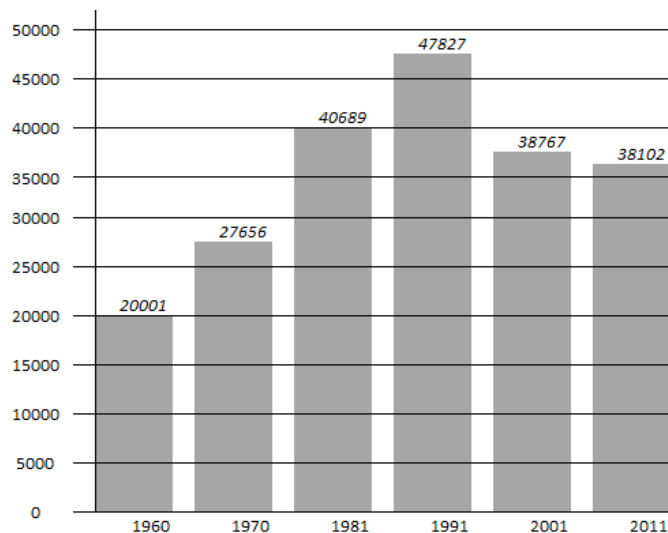


Fig. 20. Marvila, evolução da população, 1960–2011

Como consequência o comércio local viria a perder grande parte dos seus clientes. Lentamente uma vasta área com caráter industrial foi sendo desocupada e deixada ao abandono. Apesar do estado de degradação e abandono existente em grande parte do edificado, Marvila é uma das freguesias mais simbólicas da zona oriental da cidade de Lisboa.

No que se refere à população residente, Marvila é hoje a segunda maior freguesia, apenas ultrapassada pela freguesia de Santa Maria dos Olivais.

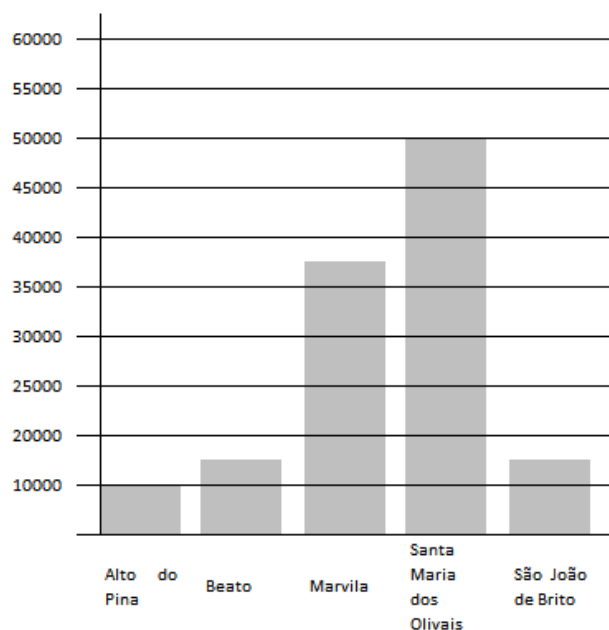


Fig. 21. População Marvila e freguesias Lisboa, 2011

De acordo ainda com os dados referidos anteriormente, após o aumento de população entre 1960 e até início dos anos 90, esta teve um decréscimo, tendência que se tem mantido.

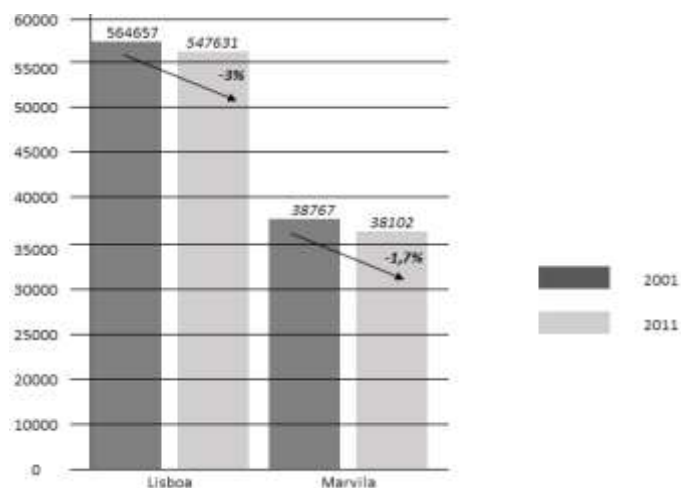


Fig. 22. Lisboa e Marvila, população residente, 2001-2011

Ainda de acordo com os mais recentes dados do Instituto Nacional de Estatística, de 2011, constata-se o aumento da população mais idosa, esta passou de 13.7% para 18.8 % (Fig. 23).

Inversamente a população jovem, tem vindo a diminuir, passando de 23.4% para 19.3%, a juntar ao desaparecimento e desativação de algumas indústrias, e ao estado deteriorado do edificado, a freguesia de Marvila tem globalmente vindo a envelhecer.

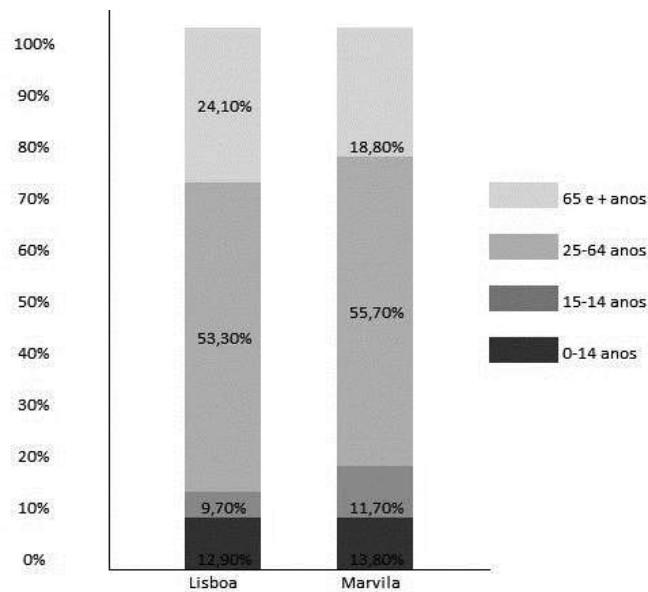


Fig. 23. Lisboa e Marvila, População residente por grupos etários

2.6. A Abel Pereira da Fonseca e suas instalações

Como já referido (veja-se 1.2, *supra*), Abel Pereira da Fonseca e Francisco de Assis abrem em 1907 os primeiros armazéns da empresa em Xabregas. Com o crescimento do negócio, em 1910 mudam de instalações para a Rua Amorim, zona fortemente influenciada pela industrialização, e pela tradição das tanoarias que, onde muitos anos utilizou-se o provérbio “*Já cheira a carvalho das aduelas e dos vinhos dos armazéns*” (Araujo, 1938, p. 76). E com a possibilidade do Tejo entrar dentro do novo edifício, a firma desenvolveu o seu cais privativo, permitindo o encosto das fragatas da própria empresa. Esta fixação claramente não seria tão forte se estivéssemos numa zona afastada do rio, com efeito o Rio Tejo, teve aqui um papel muito forte, na fixação e permanência industrial ao longo de quase um século.

Esta localização privilegiada permitiu durante anos a entrada e saída de produtos que abasteciam a cidade de Lisboa. A nova localização da firma Abel Pereira da Fonseca, de Xabregas para Braço de Prata, deve-se também à proximidade ao rio.

Com a entrada de novos sócios em 1917, a firma viria a chamar-se, Abel Pereira da Fonseca & Cia, Lda., durante este ano conclui-se a construção do edifício projetado pelo arquitecto Norte Junior. Com fachada principal para o Largo Leandro da Silva, este primava pela sua singularidade estética, através de elementos como os janelões redondos, decoração em cachos de uva, folhas de parra e a fragata, evocando as atividades da firma.

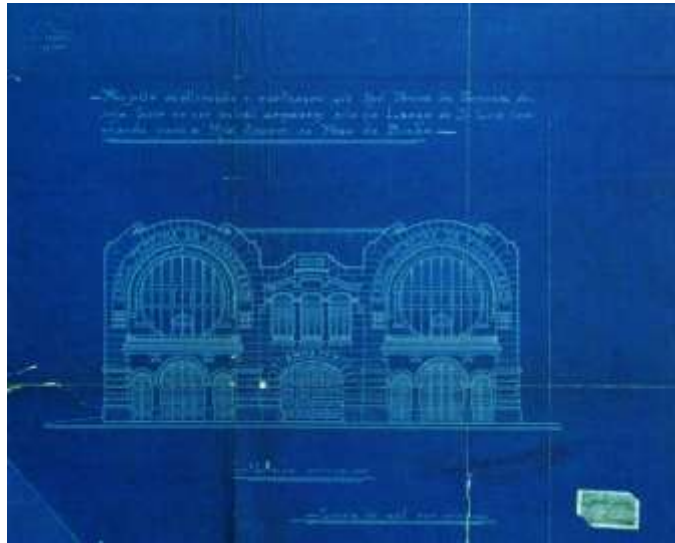


Fig. 24. Arqº Norte Júnior, Abel Pereira da Fonseca, Fachada principal, 1917

Em 1918, com a entrada do sócio Nunes Correia, mudaria de nome para Abel Pereira da Fonseca, Lda., nome que manteve até 1930, neste ano passou de sociedade anónima para Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, S.A.R.L., cerca de cinco anos depois, em 1935, Abel Pereira da Fonseca deixa a sociedade, assim Nunes Correia e a família passam a gerir a firma, até ao seu encerramento em 1993 (Folgado e Custódio, 2000).

Paralelamente ao tratamento e conservação do vinho, a firma Abel Pereira da Fonseca possuía linhas industrializadas onde executavam o engarrafamento, e ainda oficinas de tanoaria. No seu conjunto, a Abel Pereira da Fonseca era mais do que um simples armazém de vinhos, pois desde o armazenamento, tratamento, embalagem e execução a empresa liderava todo o processo. Explorou ainda a venda a granel tendo criado marcas próprias, com a Sanguinhal e Menagem. Não satisfeito, acaba por estabelecer uma rede de distribuição nunca antes vista a nível nacional. Por fim, estabelece uma rede de distribuição, atingindo mesmo as cento e quatro lojas “Val do Rio”, sobretudo em Lisboa e arredores, em que os clientes contactavam diretamente com os produtos expostos, antecipando a ideia do *self-service*.



Fig. 25. Rua da Cintura do Porto de Lisboa, c. 1930.

Podemos entender o nascimento da nova época do consumo nestes anos se olharmos para a rede de estabelecimentos Val do Rio, que também de forma pioneira eram apoiados pelas campanhas de publicidade, tais como, imprensa escrita, publicações periódicas, meios radiofónicos e televisão.



Fig. 26. Produtos comercializados pela Abel Pereira da Fonseca

2.7. A reestruturação do Poço do Bispo e a Abel Pereira da Fonseca

As cidades envelhecem e degradam-se, processo bem visível na nossa envolvente, de que a sede da Abel Pereira Fonseca constitui um caso emblemático. Importa inverter este processo e a Abel Pereira Fonseca pode desempenhar um papel essencial na alavancagem deste outro processo: em primeiro lugar, naturalmente, porque se trata de uma estrutura degradada em local central; em segundo lugar, já que constitui um lugar de memória para o Poço do Bispo; desempenhou um papel relevante na história económica e social da cidade; desfruta de vistas privilegiadas na extremidade virada ao rio Tejo, com o último piso a ter uma vista desafogada de nascente a poente; a reestruturação apresenta sempre vantagens em termos de sustentabilidade ambiental dada a maior “pegada” ecológica do edifício construído de novo em relação ao que se reestrutura, como aqui se preconiza. Com efeito, o aproveitamento das estruturas existentes traduz-se não só na redução das emissões de carbono, mas também no aproveitamento energético do edifício construído. Caracterizada por uma montagem de sectores com características muito diferenciadas, com níveis de interesse também diferenciados, o programa estratégico concentra-se no conjunto de armazéns delimitado entre o Largo Leandro da Silva, Rua Amorim e Avenida Infante D. Henrique, originalmente constituídos por:

- Zona A, a nascente, onde funcionavam os antigos escritórios espaços destinados ao pessoal administrativo e à própria administração.

- Zona B, zona central, onde se procedia ao armazenamento e tratamento do vinho, e onde persistem cerca de 130 cubas das 170 que já terá tido.

- Testa poente, edifício de interesse público classificado pela CML, projetado pelo arquitecto Norte Junior, com características mais singulares e de maior valia arquitetónica, onde funcionavam a loja Val do Rio e a cantina da firma.

A reestruturação compreenderá duas vertentes, uma urbana e a outra programática, ambas de acordo com os objetivos da CML para a freguesia de Marvila (CML, 2012). Por um lado, trata-se de manter a Abel Pereira Fonseca, na sua estrutura mais significativa, e reabri-la. Neste mesmo sentido propõe-se que parte do edifício seja afecto a uso museológico, o que se encara como meio ou condição para a preservação de uma parte relevante do edifício. Mas este é vasto, com cerca de 10.167 m² de pisos ainda disponíveis, podem complementar-se a outros novos usos, com vantagens recíprocas, tais como habitação partilhada, *co-work* e espaços multifuncionais. Pensamos que este

programa se acomode às estruturas preexistentes, pois trata-se de revitalizar o Armazém, de dar-lhe um futuro. Como veremos já de seguida, na formação e no dimensionamento deste programa tivemos em conta um conjunto de casos tanto nacionais como internacionais.

2.8. Projetos de referência

Assim e de acordo com o proposto, avaliámos diferentes abordagens a edifícios de carácter industrial e abordagens programáticas que se identificam com o caso de estudo. Tentamos assim compreender a importância da arquitetura na concepção de várias atmosferas. Não pretendemos entrar em detalhe de cada um dos projetos, interessou-nos sim uma análise da estratégia global seguida na sua função e na relação com o local.

Caves Graham's, Porto

Localizadas a apenas algumas centenas de metros da margem sul do Rio Douro, desfruta de uma vista privilegiada sobre o centro histórico da cidade de Porto e Ponte Luís I, que liga as cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia.

Os armazéns são de uma aparência singela, que se têm mantido ao longo do tempo, escondem espaços interiores únicos onde se pode visualizar o processo de transformação e degustação do líquido precioso, desfrutando ao mesmo tempo da vista sobre a cidade e o rio (Archdaily, 2011).

O programa proposto pelos dois arquitetos Luís Loureiro e Nuno Gusmão, cria um percurso que filtra os elementos necessários para o visitante entender o labor da firma e ao mesmo tempo provocar novas ambiências, através de soluções contemporâneas. Respeitando o carácter do edifício, as Caves Graham's são "*muito mais do que um resguardo de vinhos*" (Krusse, 2013, p. 64).

Com um profundo respeito pelo passado, a intervenção traduziu-se numa continuidade do passado, garantindo assim a passagem destes valores para as gerações vindouras, através de pequenas alterações às anteriores funções, os espaços de trabalho foram mantidos, valorizando todo um conhecimento de gerações, que passa agora para o

visitante, transmitindo assim um conhecimento muito próprio, que vai de encontro à valorização dos produtos comercializados e à própria musealização do conjunto.

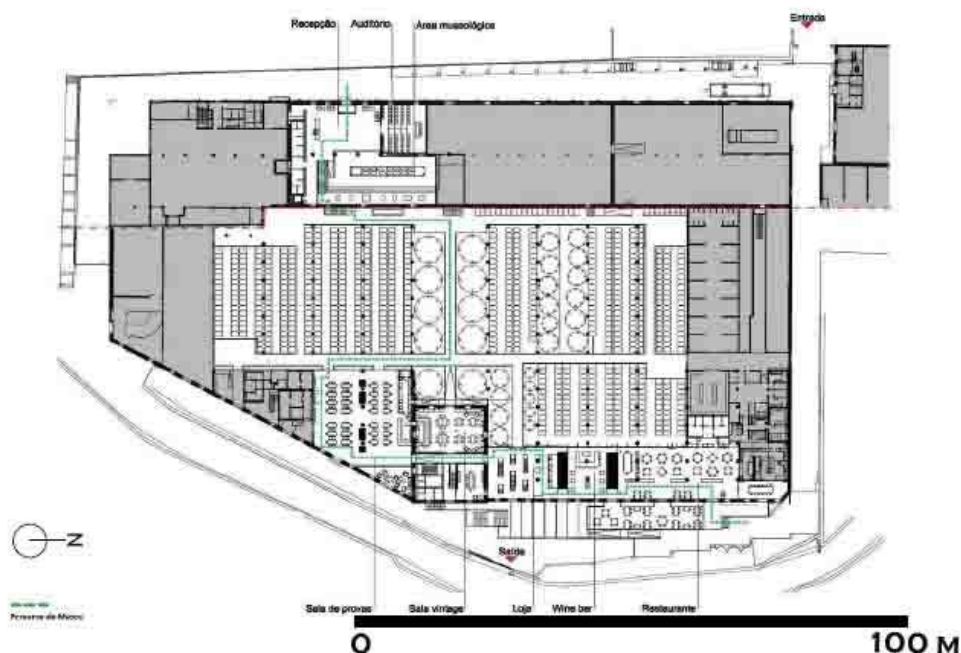


Fig. 27. Planta geral, Caves Graham's, 2013.

Matadero, Madrid

Situado no Paseo de la Chopera, em Madrid, Espanha. O conjunto de 48 edifícios e 165.000m² foi durante a maior parte do séc.XX um espaço de mercado de gado e matadouro oficial da cidade de Madrid, concentrou-se assim num só espaço várias funções, de comércio e tratamento das carnes.

Mais tarde, durante a guerra civil espanhola, a infra estrutura acabaria por ser consignada a outras funções, como a de armazenamento de víveres. Na década de 70 as instalações foram-se tornando obsoletas, tendo existido diversas intervenções na sua reutilização, até às mais abrangentes, que viriam mais tarde a determinar uma abordagem para um verdadeiro programa de reabilitação, pensado para todo o conjunto, a intervenção que durou de 2007 até 2013, teve a intervenção de diversos arquitetos.

A enorme escala da implantação pré-existente, permitiu a recuperação das naves industriais, convertendo-as em espaços temáticos diferentes, desde espaços para crianças, cinema, livrarias, cafetarias, exposições polivalentes, *co-work* e até mesmo mais residências temporárias. A variedade da oferta cultural tornou o antigo Matadero de Madrid num centro de criação contemporânea para todas as idades, com espaços ao ar

livre e cobertos, atualmente é uma referência cultural para a cidade (FundacionCoam, 2005).



Fig. 28. Praça do Matadero, Matadero de Madrid, 2016.

Novo Museu dos Coches, Lisboa

Situada entre a Avenida da Brasília, Rua da Junqueira, e o Jardim Afonso Albuquerque. As novas instalações do Museu dos Coches contam com um pavilhão de exposições com 15.630 m² e uma área anexa de 3.200 m².

O novo museu inclui espaços para exposição permanente e temporária, oficinas de conservação e restauro, biblioteca e um auditório para atividades culturais, como complemento para os visitantes foram reservados espaços de restauração, loja do Museu e posto de informação Turística, as áreas envolventes do novo edifício, designadamente a Praça do Museu, de acesso livre constitui um lugar de passeio e lazer público. Os edifícios estão dispostos em duas secções, o pavilhão principal suspenso para exposições, ligado através de um pórtico ao pavilhão anexo, com receção, administração, restaurante e auditório.

A peculiar entrada abre para a pequena praça interna, um largo, onde se olham as construções preservadas na Rua da Junqueira. O Restaurante desfruta de ampla vista para o lado do Atlântico, e dos Jerónimos, e a Administração volta-se para o estuário, para o largo interno, os jardins do museu (MBB, 2008).



Fig. 29. Novo museu dos Coches, 2015.

Time Out, Lisboa

O antigo Mercado da Ribeira Nova, projetado por Ressano Garcia, foi inaugurado a 1 de Janeiro 1882 (Castilho, 2010). Até 2000 foi um dos locais onde produtos alimentares, oriundos do campo, eram ali vendidos. Dispõe de uma área bruta em cerca de 10.000 m², com uma praça central de 1.600 m², mais 1.400 m² em corredores e lojas de rua, onde, a partir de 2014, a revista *TimeOut*, abre um espaço com 30 restaurantes, que oferecem uma grande variedade gastronómica, proporcionando cerca de 500 lugares sentados em área coberta e mais 250 de esplanada no exterior.



Fig. 30. *Time Out*, Lisboa, 2017

Comparação de áreas

Face à aposta museológica haveria que estabelecer e dimensionar o programa, partindo da pré-existência, constatamos que o edifício-sede da Abel Pereira da Fonseca tem as seguintes zonas principais e áreas, respectivamente:

<u>Zona nascente, antigos escritórios</u>	<u>Zona central, antiga zona de armazenamento</u>	<u>Testa poente, projecto do Arqº Norte Júnior, zona classificada</u>
Piso 3 (cota 13.60): 940 m ²		Piso 3 (cota 13.60): 318 m ²
Piso 2 (cota 9.40): 940 m ²	Piso 2 (cota 10.40) : 2004 m ²	Piso 2 (cota 9.30) : 318 m ²
Piso 1 (cota 6.90): 236 m ²	Piso 1 (cota 7.40) : 1850 m ²	
Piso 0 (cota 4.40): 1040 m ²	Piso 0 (cota 4.40) : 2190 m ²	Piso 0 (cota 4.40) : 331 m ²
Sub-total : 3156 m ²	Sub-total : 6044 m ²	Sub-total : 967,00 m ²

Fig. 31. Tabela de áreas da Abel Pereira da Fonseca

Assim, no seu conjunto, o edifício tem 10.167 m² de área útil (em lote com 3.778 m²).

Como se verá, a área é excessiva para apenas a instalação de um museu. É na sequência do seguinte estudo e das características da preexistência que se dimensionará o museu e, complementarmente, as demais componentes programáticas, *co-work*, habitação temporária, exposições e restauração.

Na seguinte tabela apresentamos de forma sintética uma análise comparativa, entre áreas com programática semelhante ao pretendido no caso de estudo, informação que é completada nos anexos, através da documentação gráfica reunida.

<u>Edifício</u>	<u>Implantação</u>	<u>Restauração</u>	<u>Museu</u> <u>Recepção</u> <u>Loja</u> <u>(área do</u> <u>percurso)</u>	<u>Museu</u> <u>percurso</u> <u>(ml)</u>	<u>Auditórios</u>	<u>Residências</u>
<u>Abel Pereira da Fonseca</u>	3.770 m ²	2.060 m ² (dos quais 1055 m ² na Praça Central)	1.508 m ²	260 ml	225 m ²	1860 m ² Em 2 níveis
<u>Caves Graham's, Porto</u>	9.638 m ²	820 m ² (restauração e salas temáticas)	1.630 m ²	290 ml	95 m ²	Não tem
<u>Matadero, Madrid</u>	165.000 m ²	Interior – 240 m ² Exterior – 800 m ²				7.230 m ² Em 3 níveis
<u>Novo Museu dos Coches</u>	6.514 m ²	523 m ²	4.302 m ²	460ml	432 m ²	Não tem
<u>Mercado da Ribeira "Time Out"</u>	4.496 m ²	1.620 m ² (piso 0)	Não tem	Não tem	Não tem	Não tem

Fig. 32. Tabela de programas idênticos noutros projetos de referência

Verificamos que dispomos de áreas de restauração ao nível do piso térreo e com uma relação fronteiriça com a Rua Amorim, fazendo uma comparação direta com a Praça da Ribeira (TimeOut, 2016), conseguimos imaginar este programa a funcionar em parte do nosso edifício. Existiam algumas dúvidas em relação ao espaço museológico, sempre acreditámos que disponhamos de área em excesso, a comparação com as Caves Graham's permitiu-nos negociar entre a restauração e o espaço museológico. Tendo subtraído parte do edifício, questionámos se teríamos espaço suficiente para criar zonas de exposição e

auditórios, feitas as contas, a continuidade do programa cultural estabelecido conseguiu ser garantida e ainda conseguimos área suficiente para a criação de espaços de trabalho e dormida partilhada.

Esta comparação insere-se e conclui os casos de estudo, sendo a mesma fundamental no desenvolvimento de todo o processo de projeto.

3. PROPOSTA

3.1 Memória Descritiva

Definimos o programa de acordo e em conformidade com os objetivos definidos para a Unidade Operativa de Planeamento e Gestão para esta zona (UOPG2-Oriental), e em consonância com a nossa própria leitura analítica e prospetiva da zona e da Abel Pereira da Fonseca, conforme exposto no capítulo anterior.

De acordo com a Planta de Ordenamento Municipal de Qualificação do solo, a zona de implantação está inserida em espaços a consolidar, com características centrais e residenciais, cujo objetivo é o de favorecer a reestruturação funcional e social, dando primazia ao uso habitacional, à conservação e reabilitação do edificado existente, à colmatação e compactação da malha urbana, incluindo a harmonização dos usos, a criação de equipamentos e a qualificação do espaço público, promovendo o aumento da sua permeabilidade.



Fig. 33. Planta de ordenamento, Qualificação do solo, extrato

Assim e como resposta ao PDM, quer para Lisboa, quer para a freguesia de Marvila onde se insere o caso de estudo, a fixação de residentes, criação de postos de trabalho e a criação de atividades culturais, contribuirá para a aglutinação de indivíduos, dando início a um processo de revitalização do Poço do Bispo, o que faz parte da nossa proposta.

Dada a centralidade da Abel Pereira da Fonseca e a sua singularidade arquitetónica, incluindo a parte protegida e no seu conjunto constituindo um valioso ativo patrimonial que pode jogar um papel na revitalização da zona, propõe-se para a mesma um programa incluindo um museu e outras valências, incluindo a conservação de parte do edifício e a reestruturação / reconversão de outra parte.

3.2 Programa

Dado o valor arquitetónico em presença, a intervenção terá, em nosso entender, que compreender uma componente de restauro (zona “Norte Junior”) e outras de renovação e reestruturação, com uma componente de preservação das estruturas existentes.

Propõe-se assim, em traços gerais, o seguinte programa:

- a) Edifício “Norte Junior”, a poente, entrada para espaço museológico, loja e escritórios de apoio ao museu.
- b) Antiga zona de armazenamento, no centro, para o percurso do museu, espaços destinados às empresas e no último nível, zona de exposições.
- c) Corpo Nascente, para a restauração no nível de rua, e os pisos superiores para *co-work* e habitação pontual, respetivamente.

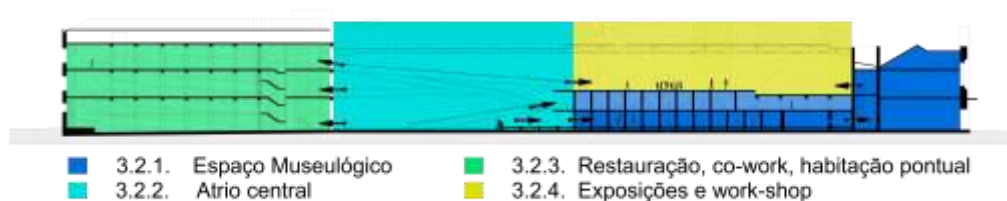


Fig. 34. Esquema do programa do edifício

Museu do Vinho (Poente)

Propomos a preservação e museificação do corpo “Norte Junior” para receber o Museu do Vinho (967 m²). Na entrada principal no edifício projetado por Norte Junior, a visita inicia-se no átrio onde será instalada informação relativa à temática do museu e do edifício. Subimos as escadas laterais que nos conduzem à zona dos tóneis, num ambiente sombrio, onde sobressai o cheiro característico da madeira e do vinho. No final destes

tóneis, chegamos a um dos corredores, onde quer à esquerda, quer à direita passamos junto às cubas, estas vazias. No percurso do museu, passamos a percorrer o interior das cubas, com luz mínima, sente-se ainda o aroma do vinho que ficou encrustrado nas paredes, ao regressar ao átrio descomprimimos novamente, agora no corredor oposto. O regresso é executado de forma contida, pois ao descermos as escadas não temos mais espaço para passar do que um indivíduo de cada vez, pela posição ocupada pelos pilares estruturais mesmo a meio das escadas. Apesar de novamente comprimidos, voltamos a estar orientados pela presença do átrio, dirigimo-nos à zona temática sob as cubas que visitámos no piso superior. Com a abertura de algumas cubas, é permitido nelas que produtores das várias regiões demarcadas do país, promovam aí os seus produtos em imaginário de adega, ao mesmo tempo que o visitante apura o palato, prepara-se a passagem para o espaço comercial na esquina entre a Rua Amorim e Praça Leandro Silva (ICOM, 2017). Resumindo o percurso do museu inicia-se e acaba na porta Poente, “Norte Junior”. Não obstante, prevê-se ainda um acesso na retaguarda, para o novo átrio, permitindo assim o aluguer de parte do museu a entidades externas.

Átrio (centro)

Propõe-se o desenvolvimento de um novo átrio no centro do edifício, com dispositivo de transição entre espaço público (a reestruturar conforme se descreverá no quarteirão norte *infra*) e distribuição para as principais unidades funcionais: retaguarda do museu do vinho, em caso de cedência de espaços a entidades externas, zona de restauração, de *co-work* e espaço polivalente.

Trata-se do motor da Abel Pereira da Fonseca reestruturada.

O acesso faz-se pela Rua Amorim. Reestrutura-se a luz zenital e sobretudo desenvolve-se um sistema de distribuição (rampas, elevador, escadas) que permite aceder às diversas unidades programáticas dos pisos, já que estes se encontram a cotas diferentes e presentemente as soluções de transição não são, de todo, capazes.

O amplo átrio (aprox. 1.200 m²) desenvolve-se em antiga zona de armazém, pouco significativa. Preservar-se-ão cunhais de paredes e lages elevadas das antigas cubas. A variedade de limites verticais e horizontais, como a descontinuidade de cotas e paredes, as novas rampas, proporcionam a apropriação do espaço pelo visitante.

Para as rampas e elevador adotam-se como elemento estrutural e de acabamento à construção metálica, evocativa do tema industrial.

Restauração, *co-work* e habitação pontual (nascente)

Na zona nascente do edifício, o programa desenvolve-se em três níveis. O primeiro está consignado à restauração e bares, com uma área aproximada de 1.038m², com cerca de 180 lugares sentados, e uma composição volumétrica variada, os ambientes alternam entre a zona central sob a clarabóia, e um pequeno piso intermédio de altura baixa e escuro, duas aberturas proporcionam um olhar vertical em direção à cobertura.

Acima da restauração, no segundo nível temos o *co-work*, estes ateliers proporcionam espaços de trabalho individual e coletivo de dimensões variáveis, tendo como complemento instalações sanitária e copa. Gravitando em torno do vazio central, todos os ateliers desfrutam de luz natural, mesmo os da zona poente sem janelas para o exterior, tendo neste caso sido criados saguões interiores.

Reservou-se o terceiro e último nível para as habitações pontuais, ou seja, de curta duração. A ideia é possibilitar condições para desenvolvimento da atividade profissional durante vinte e quatro horas, assim disponibilizando as imprescindíveis zonas de higiene e uma zona para confeção de alimentos. Tal como acontece nos pisos inferiores, o saguão não só permite a entrada de luz indireta, como também toda a ventilação passiva do conjunto.

Em complemento ao programa nesta zona, conservaram-se as circulações verticais existentes, com a remodelação das mesmas, assim como sistemas de elevação adaptados à estrutura existente.

A comunicação com o átrio, e zona de exposições que iremos abordar, é assegurada por rampas que conetam as cotas dos níveis aqui falados, restauração, *co-work* e habitação pontual.

Exposições e *Workshops* (central-poente, nível superior)

Localizada na cota mais alta da antiga zona de armazenamento, foram removidas as guardas em ferro em volta dos negativos e colocados vidros, que garantem a transparência para a zona museológica, esta laje é caracterizada por um espaço desafogado sob a

cobertura das asnas originais, agora com aberturas zenitais. Poderá assim este espaço acolher exposições, eventos comerciais, festas (p.e. como acontece na nave superior da voz do operário) e outros eventos. O acesso far-se-á principalmente a partir do novo átrio e o seu sistema de rampas e elevador, se bem que se possa fazer a partir do museu do vinho e assim acolher eventos com este relacionado. Também a circulação / inter-relação com o bloco de *co-work*, restauração e habitações pontuais é muito forte e direta. Deste modo procura-se potenciar o funcionamento em conjunto dos diversos núcleos programáticos.

3.2.5 – Quarteirão norte: reestruturação

Para o quarteirão a norte, entre a Abel Pereira da Fonseca e a fábrica Braço de Prata, constituindo um inovador pólo cultural, quarteirão este com diversos armazéns em situação expetante, propõe-se a demolição de uma pequena zona junto à Abel Pereira da Fonseca, assim definindo uma nova praça-jardim abrindo para a frente fluvial (conforme objetivos do PDM, onde se preconiza a substituição de áreas construídas por áreas verdes permeáveis), e duas ruas pedonais nascente-poente, e norte-sul, reforçando a ligação entre a nova Abel Pereira da Fonseca e a Fábrica Braço de Prata. O pólo constituído pelos dois equipamentos tem potencial para desempenhar um papel dinamizador da transformação do quarteirão entre ambos (exigindo-se como contrapartida a libertação das áreas públicas pretendidas) e ainda dinamizador da revitalização da Abel Pereira da Fonseca.



Fig. 35 – Quarteirão norte, proposta

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado desenvolveu-se em volta da tipologia de edifício industrial em que se colocaram duas questões fundamentais: pode um edifício com esta tipologia receber um novo programa, salvaguardando o seu valor patrimonial e histórico, e ao mesmo tempo ser um elemento dinamizador? Pensamos que sim. É uma estratégia por inúmeras cidades, desde Barcelona no ano 1990, que interviu pontualmente (espaço público, equipamentos, etc...) assim logrando modificar o valor de partes e da cidade no seu todo. O que Bernardo Secchi designou de “estratégia de acumpultura” (Figueira, 2009, p.43) A presente proposta desenvolve-se na interceção da política camarária e da nossa própria leitura da envolvente urbana e das pré-existências arquitetónicas. A um programa museológico, com atividade de restauração, cultural e residencial, constituindo um novo polo de atividade potenciador de transformação da zona.

Tratou-se de dar um futuro a uma peça arquitetónica com inegável, ainda que diferenciado, interesse. Tratou-se ainda de reutilizar um edifício espetante, assim contribuindo para reduzir a pegada ecológica da cidade. Projetámos um museu do vinho e espaço de exposições nas zonas poente e central, um novo átrio para abrir o edifício à cidade e distribuir para as principais unidades programáticas, restauração, *co-work* e habitação pontual na zona nascente, num núcleo com características arquitetónicas que se prestam a uma reapropriação mais livre e em contato com a Avenida Infante Dom Henrique e o Tejo.

BIBLIOGRAFIA

- AML, 2003. *áreametropolitanadelisboa*. in:
http://aml.pt/susProjects/susWebBackOffice/uploadFiles/wt1wwpgf_aml_sus_pt_site/componentText/SUS57ED36183CF6D/ATLAS_03.PDF, acedido em 28 Fevereiro 2017.
- Araújo, Norberto, 1938. *Peregrinações em Lisboa*. Livro 1 ed. Veja.
- Archdaily, 2011. Archdaily, in: <http://www.archdaily.com/384935/graham-s-1890-lodge-rehabilitation-luis-loureiro-p-06-nuno-gusmao>, acedido em 10 Outubro 2016.
- Arqueólogos Portugueses, A., 1829. BooksGoogle, in:
<https://books.google.pt/books?id=xVANAQAIAAJ&pg=PA77&lpq=PA77&dq=ESTRADA+FISCAL+1852&source=bl&ots=tMeF1R1A-V&sig=nHMxDTFrD07PQJ6vv5jW9bFZqhA&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwi674CEq4jUAhXFVxQKHXXVCJYQ6AEIQjAF#v=onepage&q=ESTRADA%20FISCAL%201852&f=false>, acedido em 24 Maio 2017.
- Augé, M., 2012. *Não Lugares*. 7 ed. Lisboa: Letra Livre.
- Barbosa, J., 2011. O rei revolucionário, in: *Grande Reserva - As melhores histórias do Vinho Português*. Lisboa: Oficina do Livro, p. 27.
- Becerra, S. R., 1996. Patrimonio Cultural, Patrimonio antropologico Y museos de antropologia. in *Boletin del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*, nº21, pp. 42-52.
- Brandão, P., 2004. *Design Urbano Inclusivo - Uma experiência de projecto em Marvila. Fragmentos e Nexos*, Centro Português de Design.
- Brito V. e Camarinha, C., 1997. Elementos para o estudo do plano de urbanização da cidade de Lisboa - 1938, in arquivomunicipaldelisboa.cm-lisboa.pt/fotos/editor/97.pdf, acedido em Maio 2017.
- Cairo, M., 2007. *Lisboa Capital do Nada - Marvila*. Lisboa: Almedina.
- Castels, M., 1984. *Problemas de Investigação em Sociologia Urbana*. Lisboa: Editorial Presença.
- Castilho, J. d., 2010. *ruasdelisboacomhistoria*, in: <http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/search?q=mercado+da+ribeira>, acedido em 28 Março 2017.

- Castro, A., 2015. <http://www.ocomuneiro.com>, in:
http://www.ocomuneiro.com/paginas_m_armandocastro_revolucaoindustrial_1946.html
, acessado em Outubro 2015.
- CML, 2012. [cm-lisboa.pt](http://www.cm-lisboa.pt), in: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal/pdm-em-vigor>, acessado em 20 Novembro 2015.
- Cracóvia2000, 2000. <http://www.patrimoniocultural.pt>, in:
<http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>, acessado em 10 Dezembro 2015.
- Figueira, João Francisco , Images at work. *Holl` s entry for Kiasma and Lordi, the works of two over-determined images*, Espoo / Helsinki, Centre for Urban and Regional Studies, Department of Architecture and autor, 2009.
- Folgado, D. e Custódio, J., 1999. *Guia do Património, Caminho do Oriente*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Folgado, D. e Custódio, J., 2000. *Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Folgado, D., 2001. Paisagem Industrial. Utopia na salvaguarda?. *Margens e Confluências*, nº3, pp. 65-90.
- Folgado, D., 2004. *A Napolitana. Programa arquitectónico ao serviço da Industria*: IPPAR.
- Folgado, D., 2012. *A nova ordem industrial no Estado Novo 1933-1668*. Lisboa: Livros horizonte.
- FundacionCoam, 2005. [MataderoMadrid.org](http://www.MataderoMadrid.org), in:
http://212.145.146.10/ejercicio/concursos/concursos_ocam/130606_ecotop/documentacion/matadero_madrid_memoria_historica.pdf, acessado em 8 Março 2016.
- George, P. e Morgado, S., 2005. *Revistausp* , in:
www.revistas.usp.br/posfau/article/vuewFile/43422/47044, acessado em 25 Janeiro 2017.
- ICOM, 2017. ICOMPortugal, in: http://icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx, acessado em 25 Março 2017.

IHRU-IGESPAR, 2010. (Kits - património, nº 3, versão 1.0), in: www.portaldahabitacao.pt; www.monumentos.pt; www.igespar.pt, acedido em 20 Novembro 2016.

infopedia, 2013. Infopedia, in: [https://www.infopedia.pt/\\$foral](https://www.infopedia.pt/$foral), acedido em 15 Maio 2017.

JFMarvila, 2015. <http://jf-marvila.pt>, in: <http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/historia>, acedido em Outubro 2015.

JFMarvila, 2016. jf-marvila, in: www.jf-marvila.pt, acedido em 15 Junho 2016].

Krusse, T., 2013. revistadesignmagazine.com, in: <https://issuu.com/revistadesignmagazine/docs/dm13>, acedido em 22 Março 2017.

Lamas, J., 2010. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian.

Lynch, K., 1990. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.

MBB, P. M. d. R. +., 2008. MMBB, in: <http://www.mmbb.com.br/projects/details/66/4>, acedido em 26 Março 2017.

Mendes, J. A., 2006. <http://www.icea.pt/>, in: http://www.icea.pt/Actas/21_10h30m_Jos%C3%A9%20Mendes.pdf, acedido em 11 Novembro 2015.

Nunes, J. e Sequeira, A. , 2011: O Fado de Marvila. Notas sobre a origem citadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa, *Forum Sociológico*, nº21, pp. 33-41.

Paredes, P., 2011. *Marvila, Transversalidades Ribeirinhas*, Lisboa: Faculdade Arquitectura de Lisboa.

Piano, R., 2006. rpbw, in: <http://www.rpbw.com/project/70/braco-de-prata-housing-complex/>, acedido em 12 Janeiro 2017.

Portas, N., 1998. *Cidades e Frentes de Água*. Porto: FAUP Publicações.

Priberam.pt, 2017. Priberam, in: <https://www.priberam.pt/DLPO/patrimonio>, acedido em 15 Janeiro 2017.

Projectos, L., 2006. lx-projectos, in: <http://lx-projectos.blogspot.pt/2006/09/jardins-de-braco-de-prata.html>, acedido em 12 Janeiro 2017.

Restosdecolecção, 2015. <http://restosdecolecção.blogspot.pt>, in:
<http://restosdecolecção.blogspot.pt/search?q=abel+pereira+da+fonseca>, acessado em 6
Dezembro 2015.

Risco, 2005-11. Risco. [Online], in: http://www.risco.org/pt/02_03_matinha.jsp,
acessado em 12 Janeiro 2017.

Rosa, C. L., 2011. <http://www.snh2011.anpuh.org>, in:
[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308189074_ARQUIVO_artigoANP
UHCarolinaRosa.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308189074_ARQUIVO_artigoANP_UHCarolinaRosa.pdf), acessado em 12 Dezembro 2015.

SIPA, 2015. <http://www.monumentos.pt>,
in:http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10671, acessado em 6
Dezembro 2015.

Tagil, N., 2003. *Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial*, s.l.: The
International Committee for the conservation of the Industrial Heritage (TICCIH).

TimeOut, 2016. TimeOut, in: <https://www.timeout.pt/lisboa/pt>, acessado em 22
Setembro 2016.

Veneza, C. d., 1964. <http://www.patrimoniocultural.pt>, in:
<http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>, acessado em 5
Novembro 2015.

Zumthor, P., 2009. *Atmosferas*. 1ª Edição, 2ª impressão ed. Basileia: Editorial Gustavo
Gili, SL.

ANEXOS

Anexo 1 - Cartografia



Filipe Folque, 1856-1858



Silva Pinto, 1904-1911



Planta Lisboa, 1950



Montagem, Silva Pinto, 1904-1911 e Filipe Folque, 1856-1858; atual, 2016.

Anexo 2 - Fotografias



Rua da Cintura do Porto de Lisboa, 2017.
Fonte: do autor



Rua Amorim, 2017.
Fonte: do autor

Rua



Largo Leandro da Silva, 2017.
Fonte: do autor



Rua da Fábrica de Material de Guerra, 2017.
Fonte: do autor



Armazem nascente, c.1950,
Fonte:<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=abel+pereira+da+fonseca>



Vista para escritórios, s/ data.
Fonte:<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=abel+pereira+da+fonseca>



Escritórios, nascente, c.1950,
Fonte:<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=abel+pereira+da+fonseca>



Largo Leandro da Silva, anos 60.
Fonte:<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=abel+pereira+da+fonseca>



Painel controlo, c.1950,
Fonte:<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=abel+pereira+da+fonseca>



Publicidade da firma, c. 1950.
Fonte:<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=abel+pereira+da+fonseca>



Interior, espaço central, s/ data,
Fonte: <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/search?q=abel+pereira+da+fonseca>



Zona Escritórios, 2017
Fonte: do próprio



Edifício Norte Junior, 2016.
Fonte: https://www.facebook.com/pg/lxworkhub/photos/?ref=page_internal



Edifício Norte Junior, 2016.
Fonte: https://www.facebook.com/pg/lxworkhub/photos/?ref=page_internal



Edifício Norte Junior, 2016.
Fonte: https://www.facebook.com/pg/lxworkhub/photos/?ref=page_internal

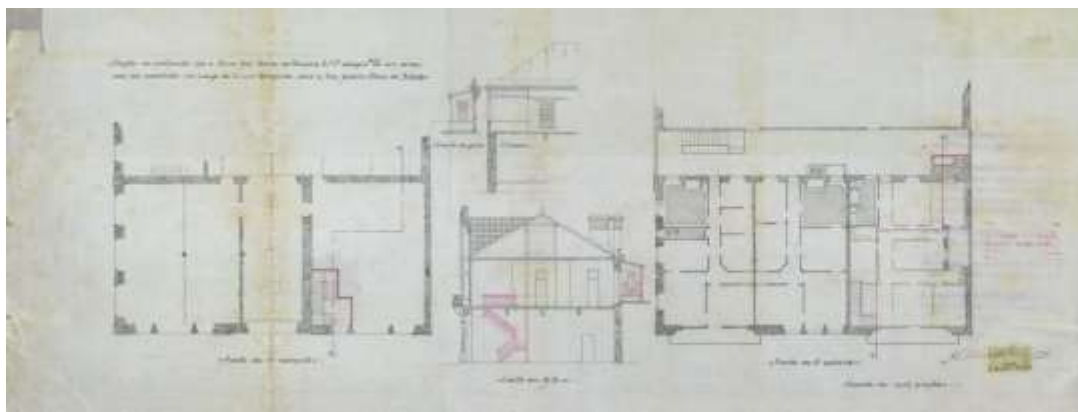


Edifício Norte Junior, 2016.
Fonte: https://www.facebook.com/pg/lxworkhub/photos/?ref=page_internal

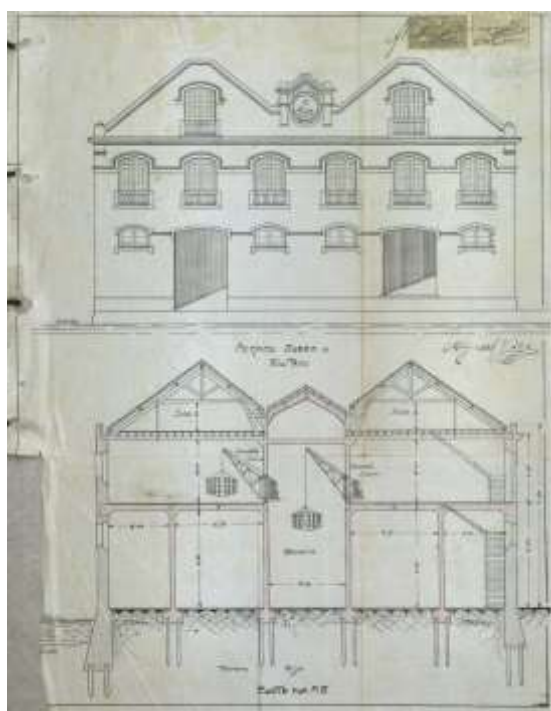
Anexo 3 - Desenhos Arquivo Municipal



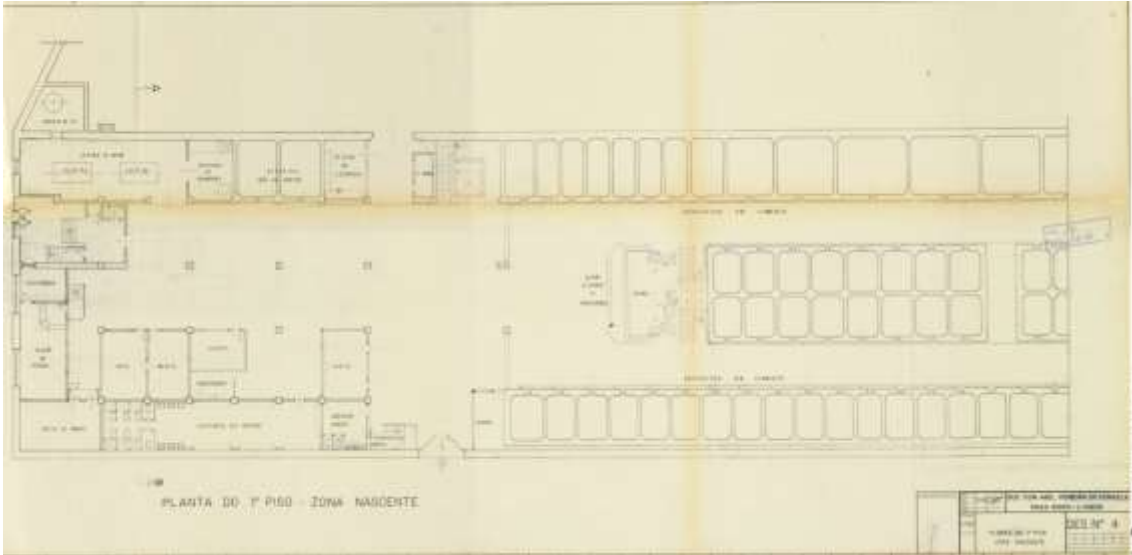
Edifício Norte Junior, poente, arquivo minicipal folha 4, 1917



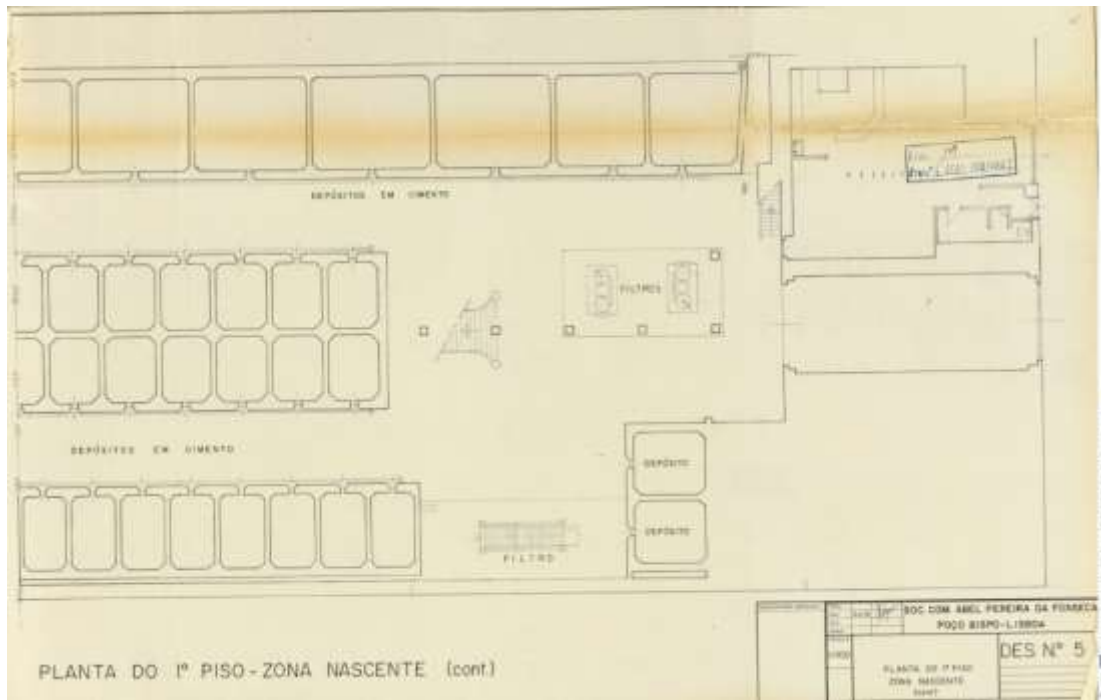
Edifício Norte Junior, pisos 1 e 2 poente, arquivo minicipal folha 4, 1918



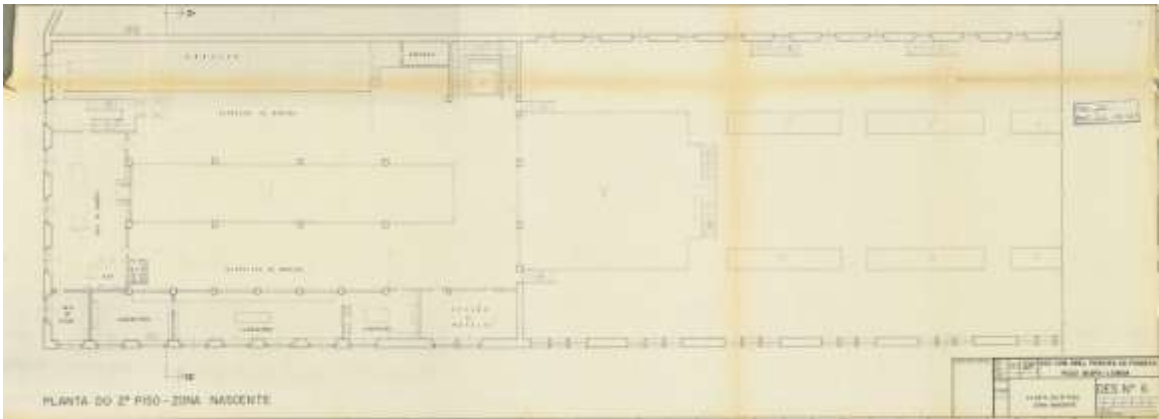
Escritórios Nascente, folha 14, Arquivo Municipal, 1921



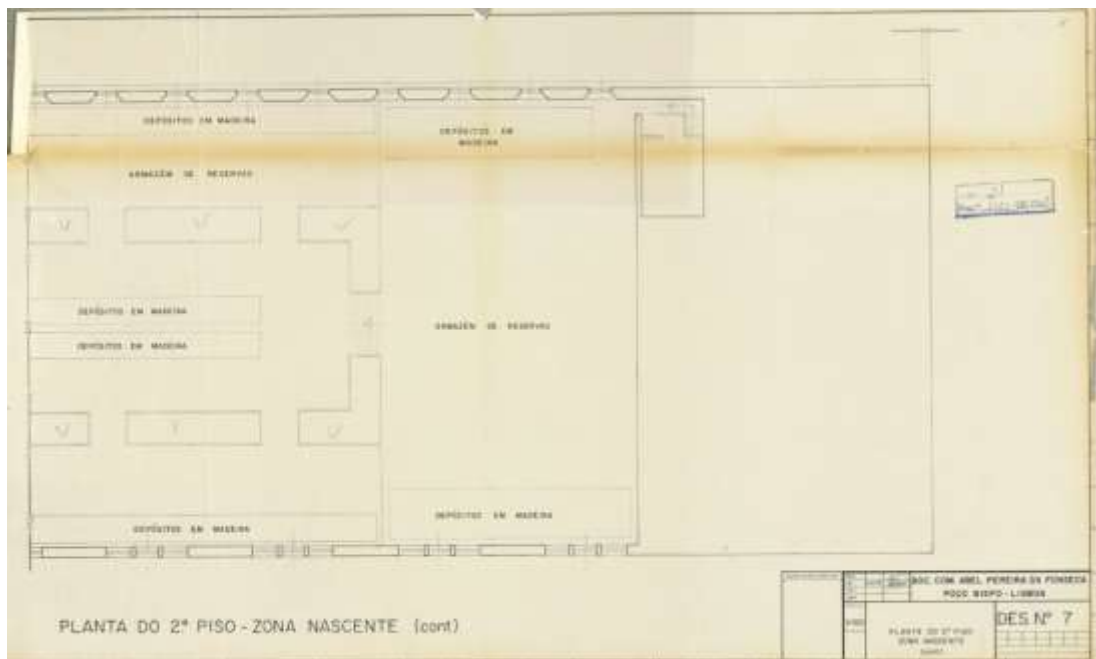
1ºPiso Nascente, folha 18, Arquivo Municipal, 1921



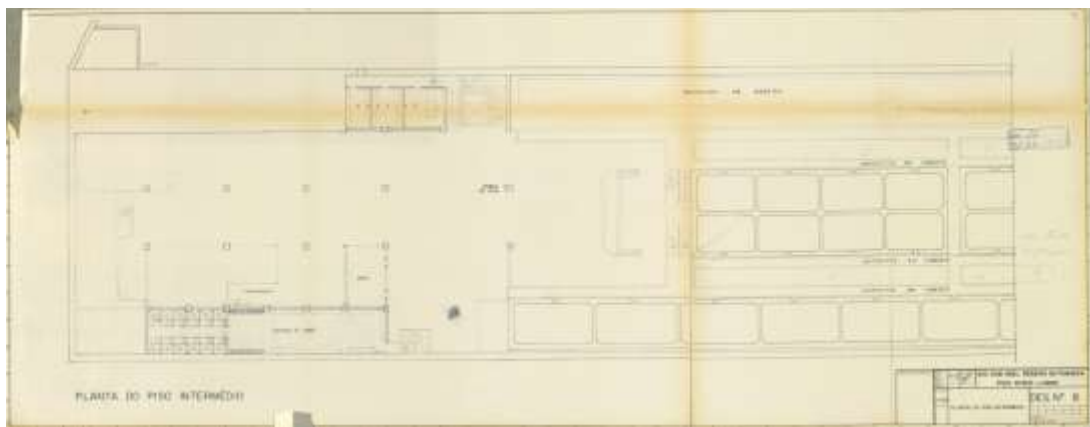
1ºPiso Nascente (cont.) , folha 19, Arquivo Municipal, 1921



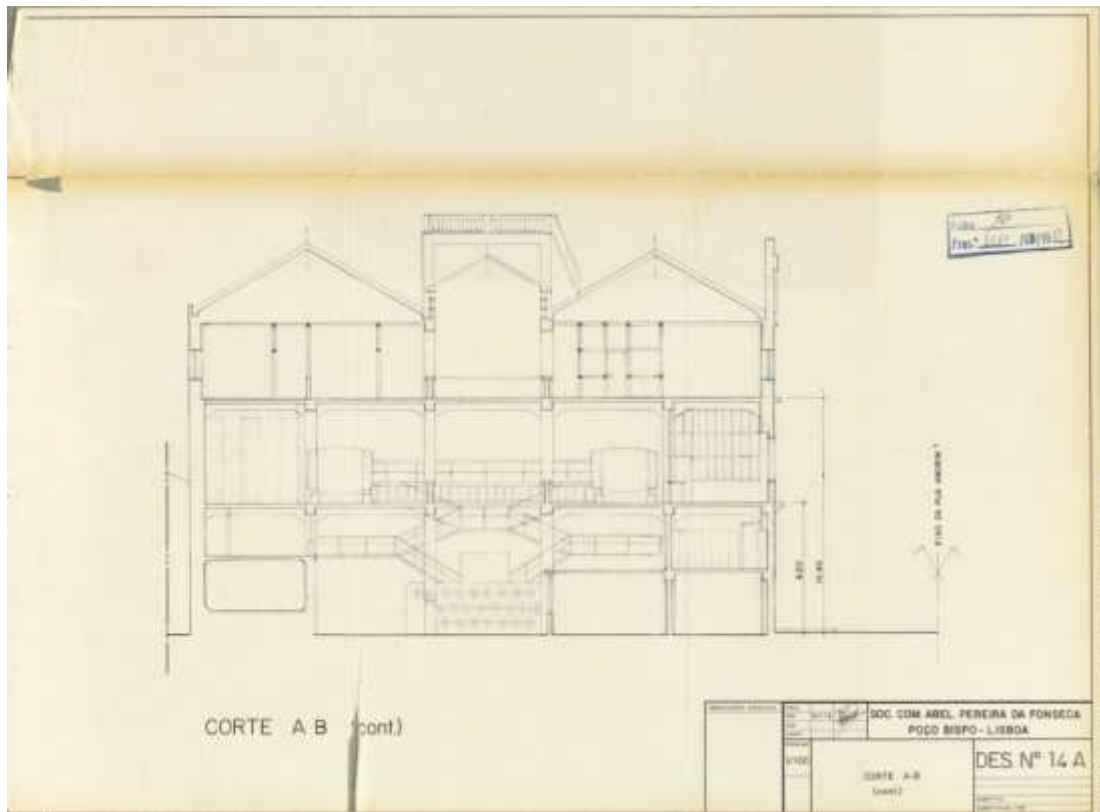
2ºPiso Nascente, folha 20, Arquivo Municipal, 1921



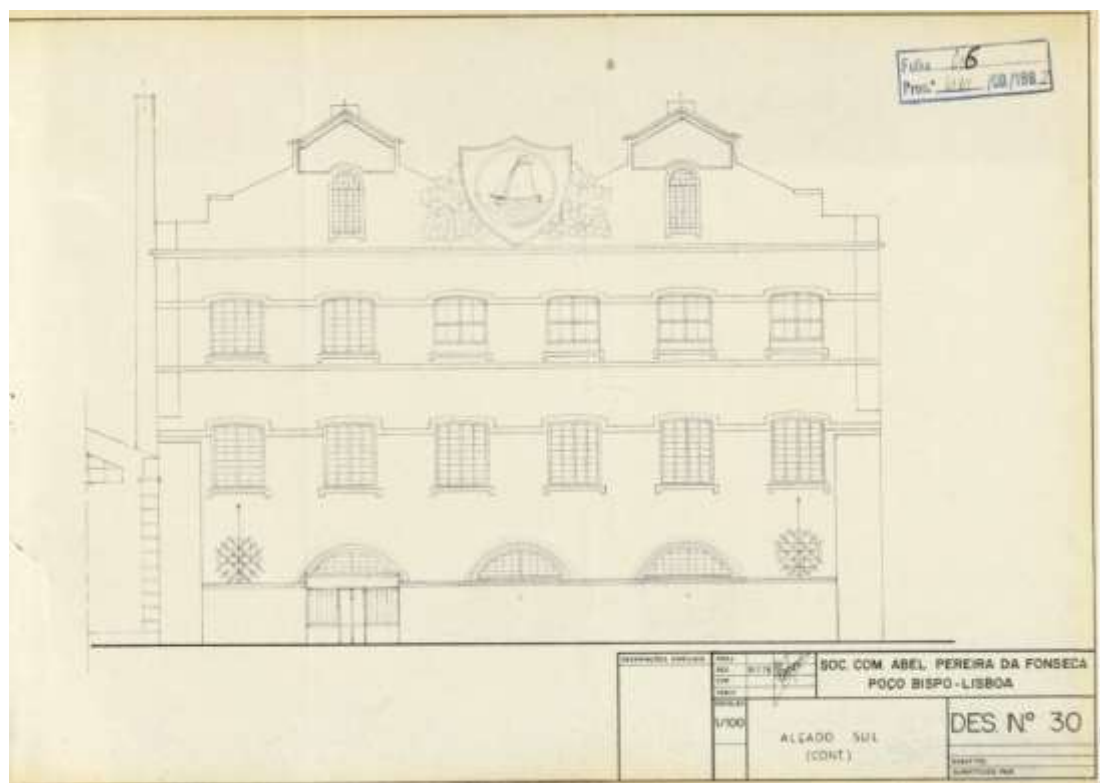
2ºPiso Nascente (cont.), folha 21, Arquivo Municipal, 1921



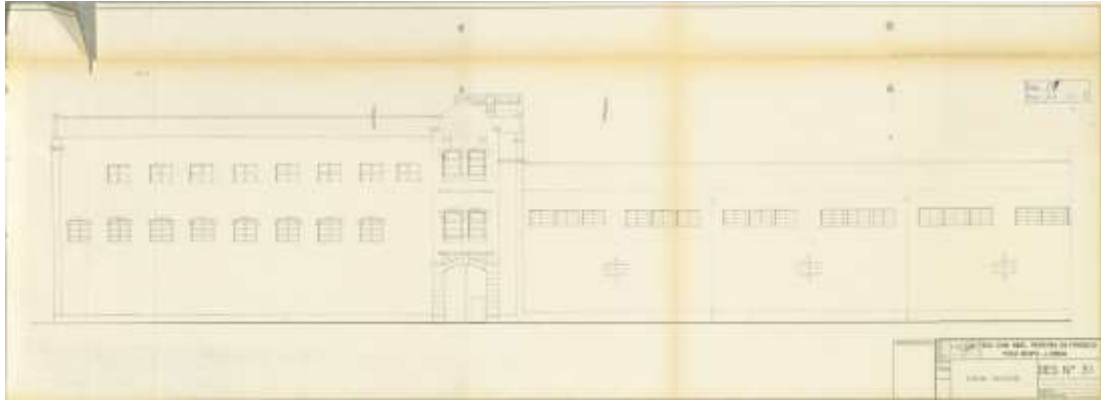
Piso intermédio, folha 22, Arquivo Municipal, 1921



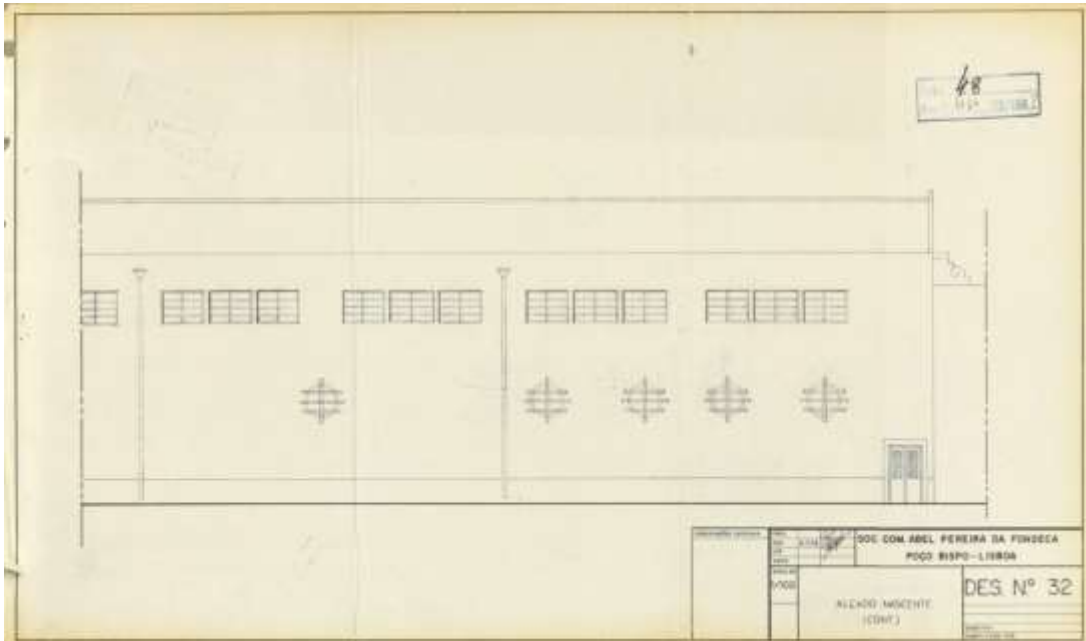
Corte AB, folha 30, Arquivo Municipal, 1921



Alçado Sul, folha 46, Arquivo Municipal, 1921



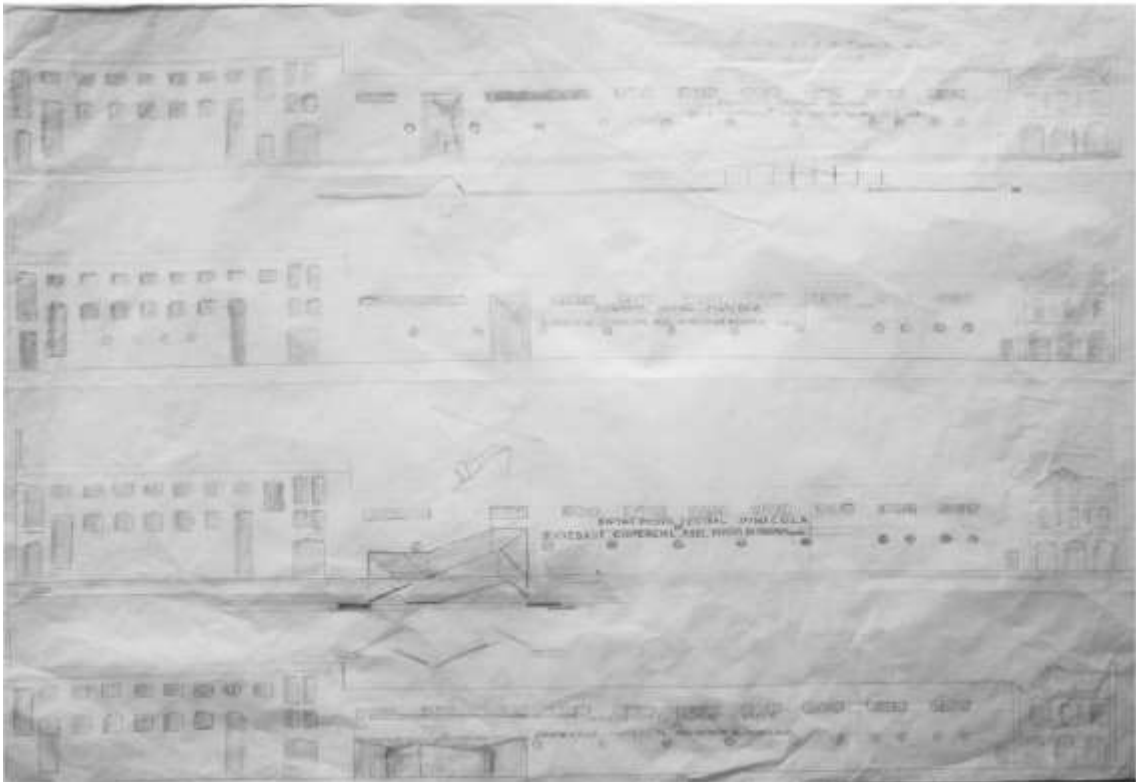
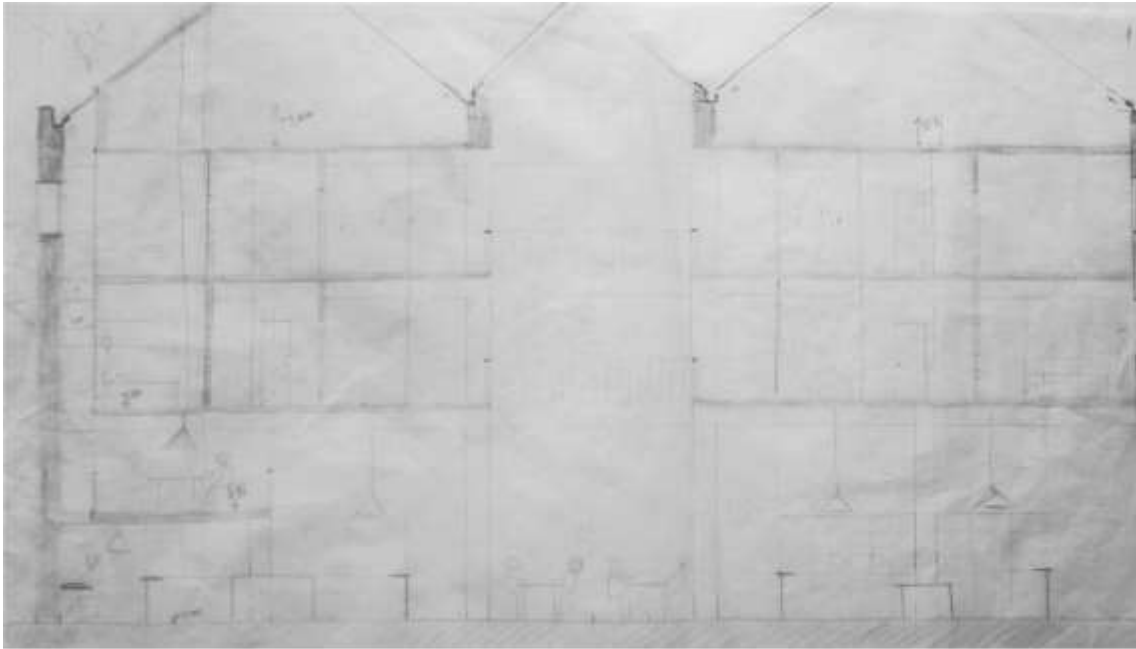
Alçado Nascente, folha 47, Arquivo Municipal, 1921



Alçado Nascente (cont.), folha 48, Arquivo Municipal, 1921

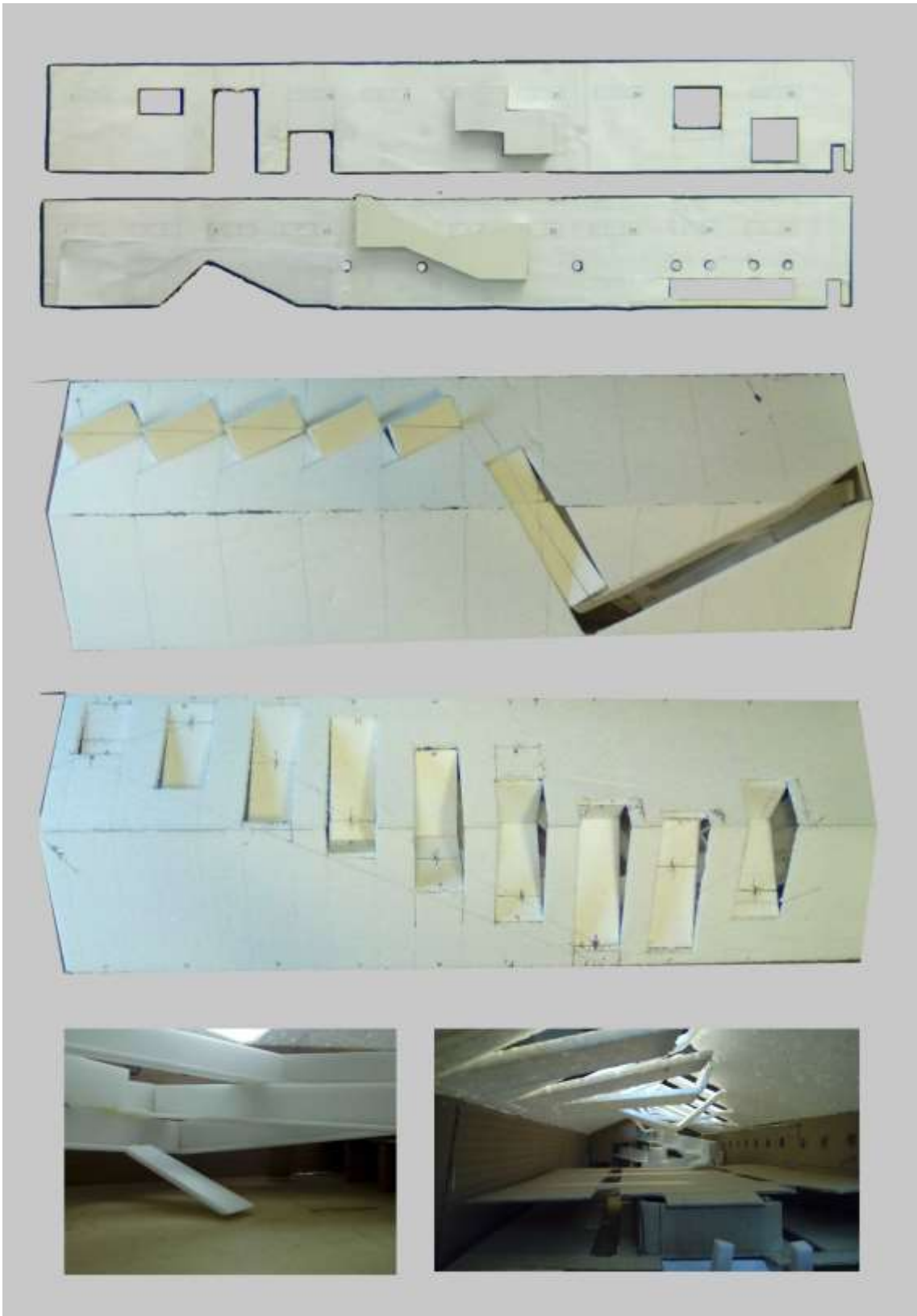
Anexo 4 – Desenhos e plantas do Autor



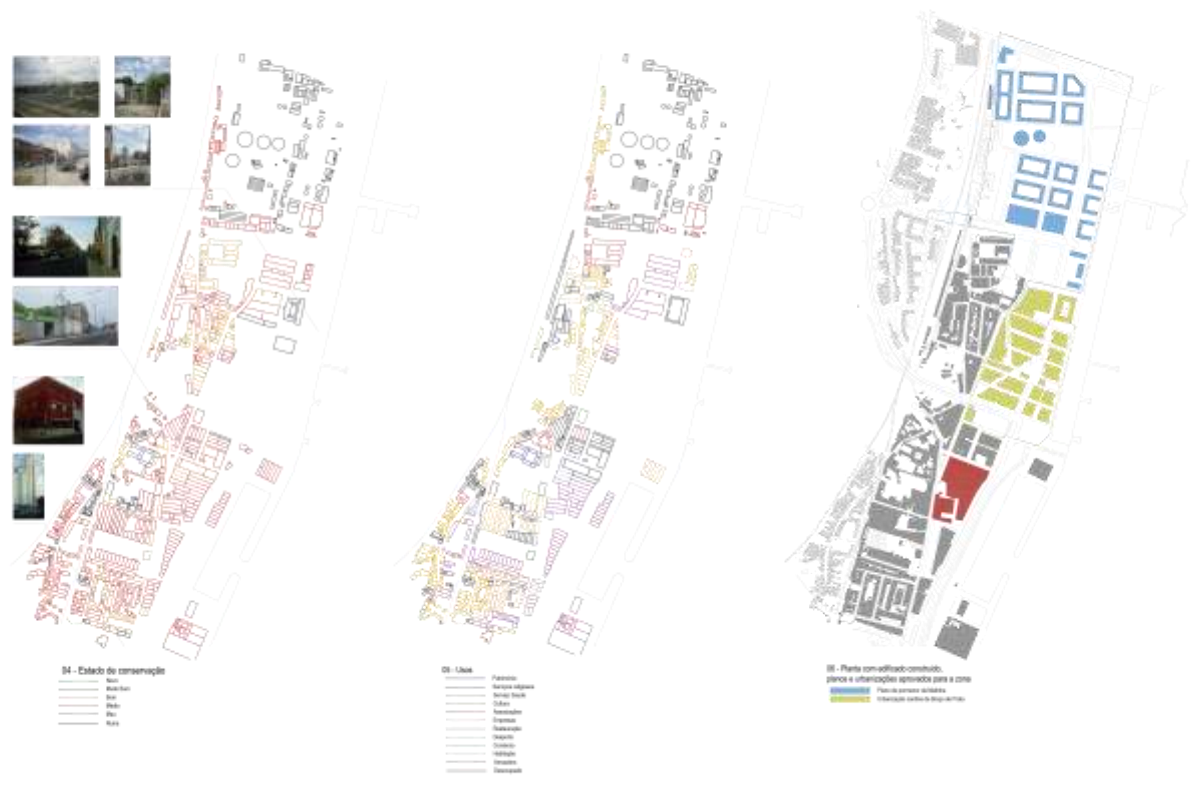
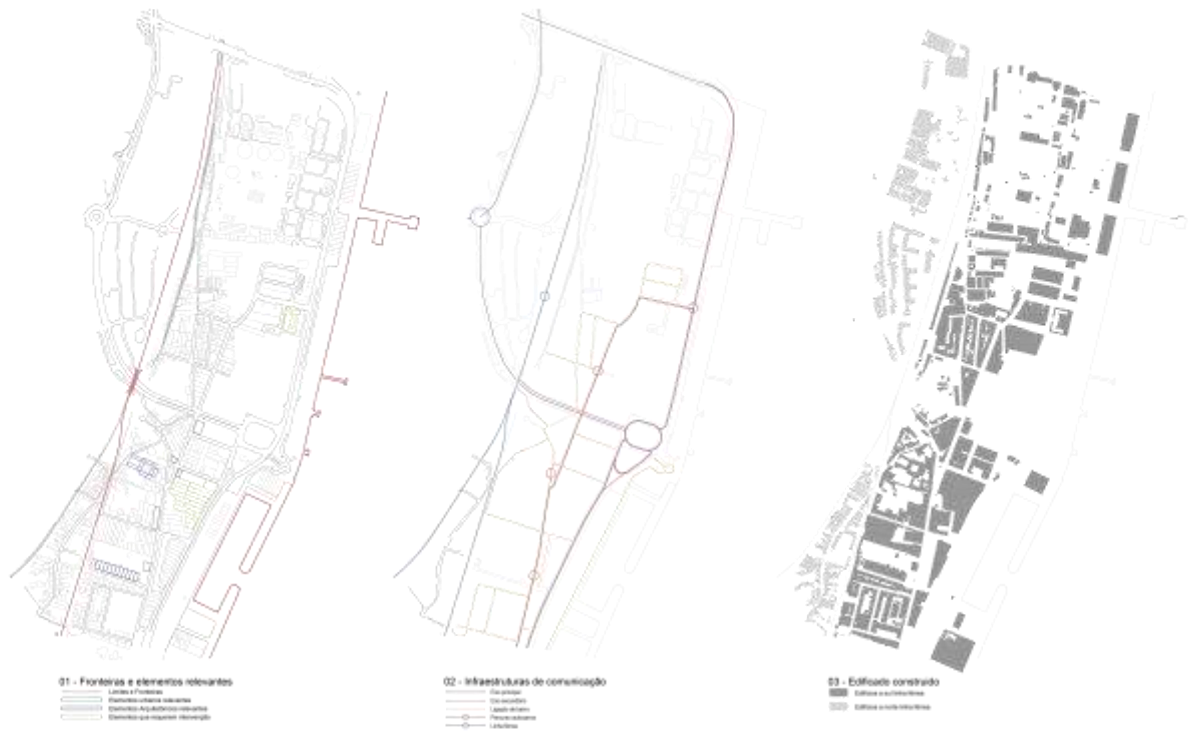


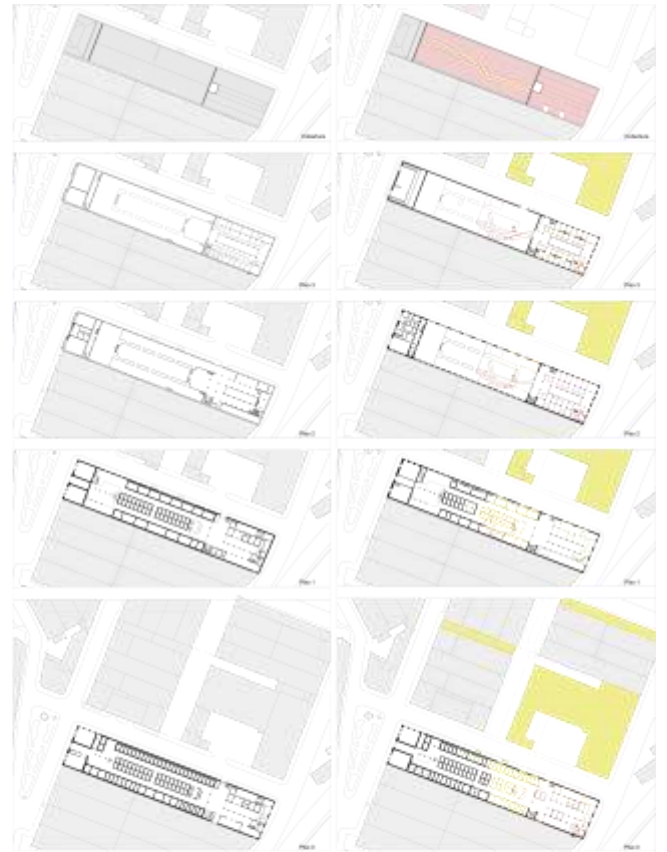
Anexo 5 - Maquetas



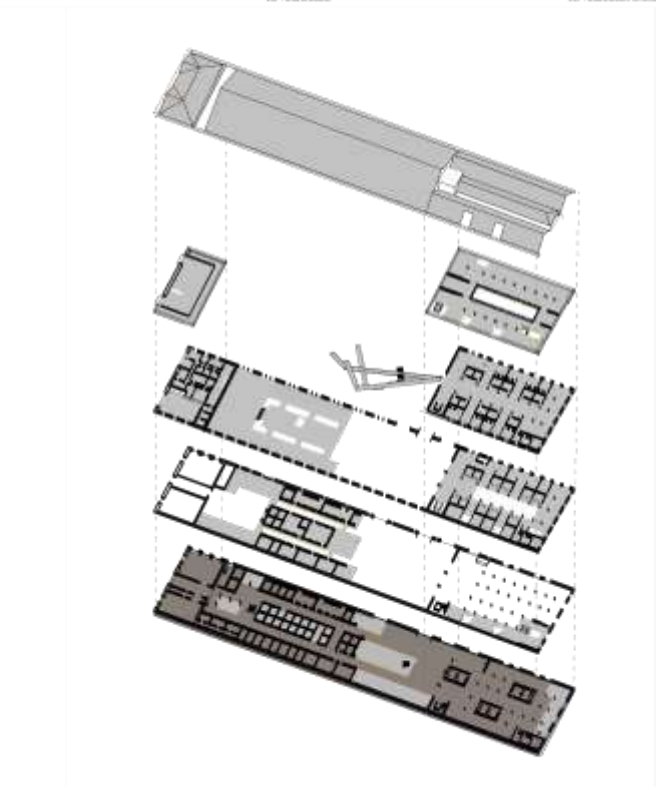


Anexo 5 – Paineis





- Museu de arte
- Recepção
- Instalações sanitárias
- Loja do Museu
- Circulações verticais
- Área central
- Restauração
- Espaço museu / empresa
- Co-working
- Espaço relaxação / lazer
- Exposições e esplanada
- Serviços administrativos
- Zona Técnica
- Substituição de painéis de cobertura





Universidade de Lisboa - Faculdade de Arquitetura

Orientadores: Professor Auxiliar João Francisco Figueira - Professor Auxiliar José Luis Crespo

PROJETO FINAL DE MESTRADO
EM ARQUITECTURA

Plano geral de urbanização
Abel Pereira - Rua António

N

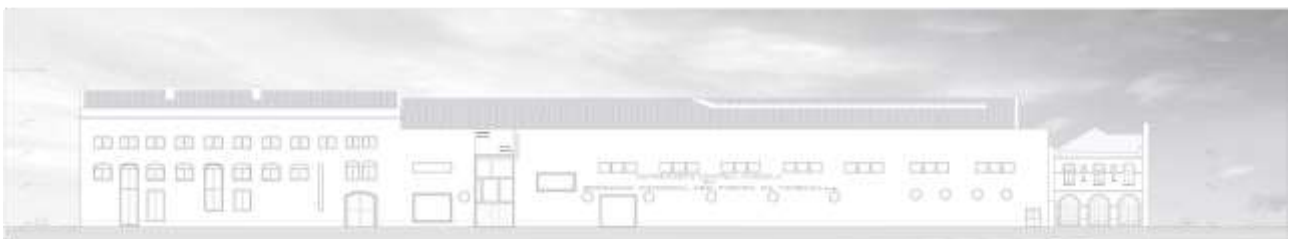
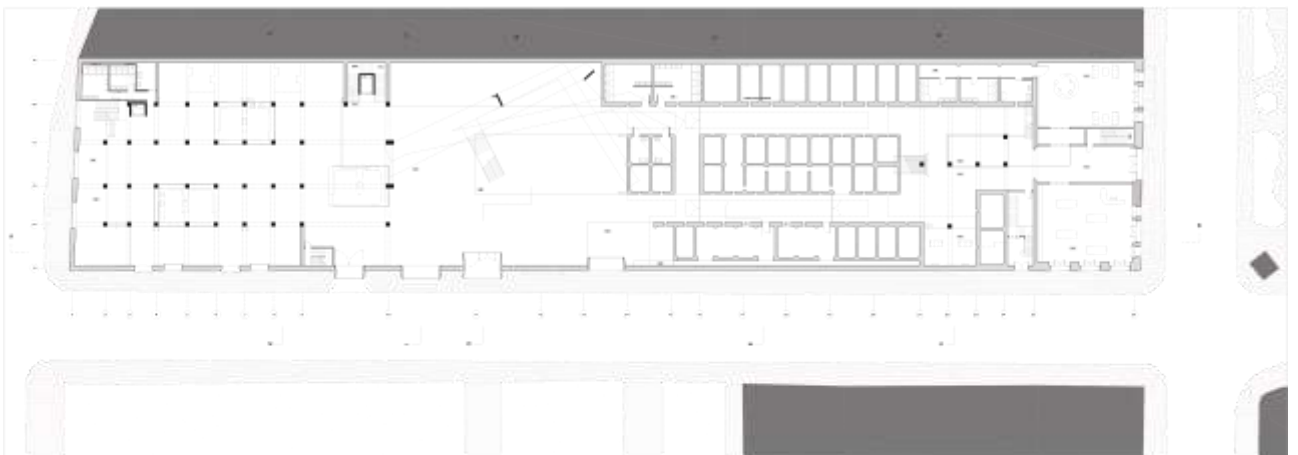
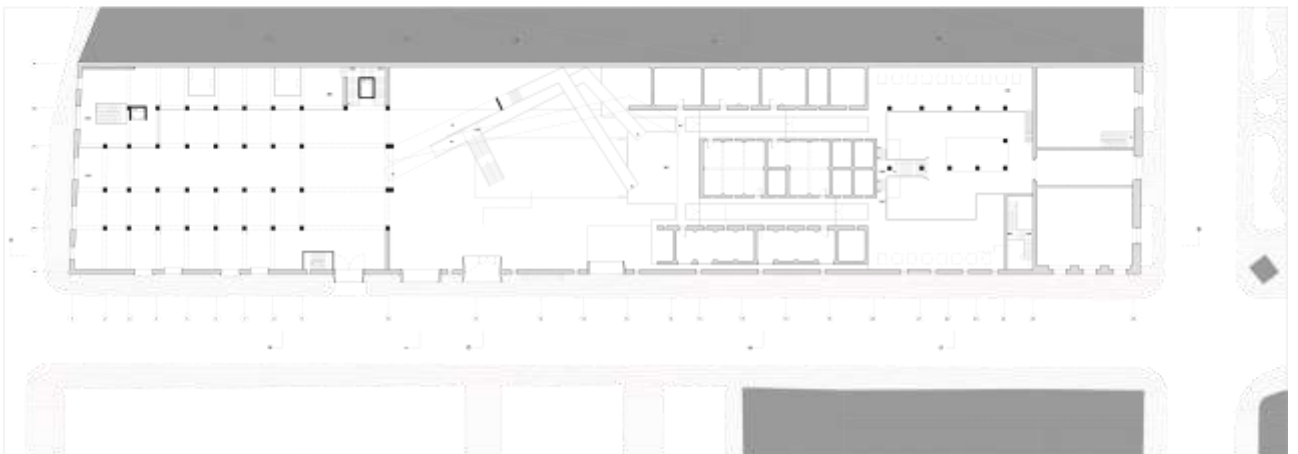
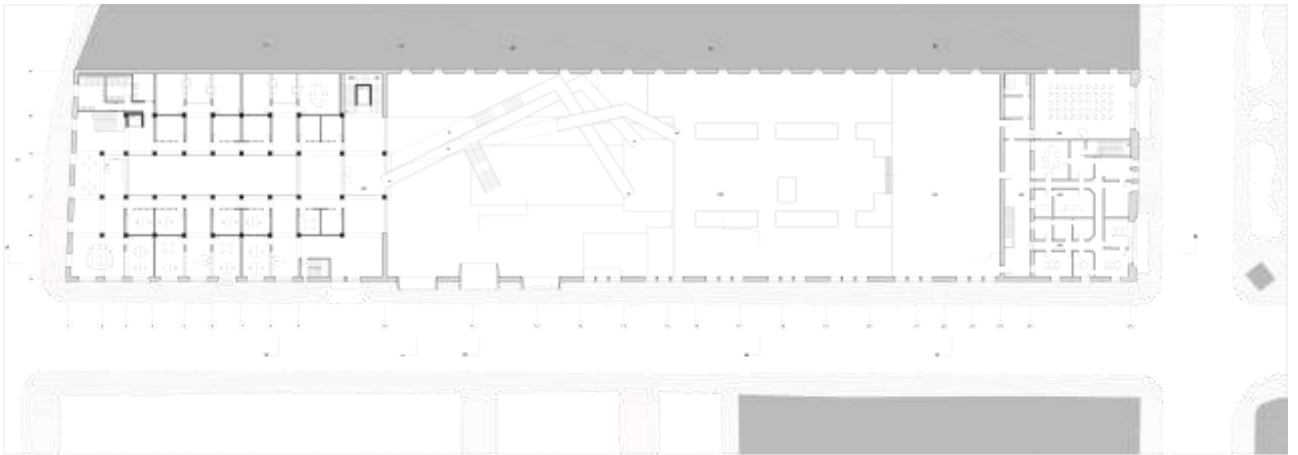
P 03

RECONVERSÃO DOS ARMAZÉNS ABEL PEREIRA DA FONSECA COMO ELEMENTO REVITALIZADOR DO POÇO DO BISPO, LISBOA

João Paulo Marques Fernandes Martins - 201115411

Julho 2017





Universidade de Lisboa - Faculdade de Arquitectura
 Orientadores: Professor Auxiliar João Francisco Figueira - Professor Auxiliar José Luís Crespo

PROJETO FINAL DE Mestrado
 EM ARQUITECTURA

Planos p03 e 04
 Apoio Principal - Rua Aníbal

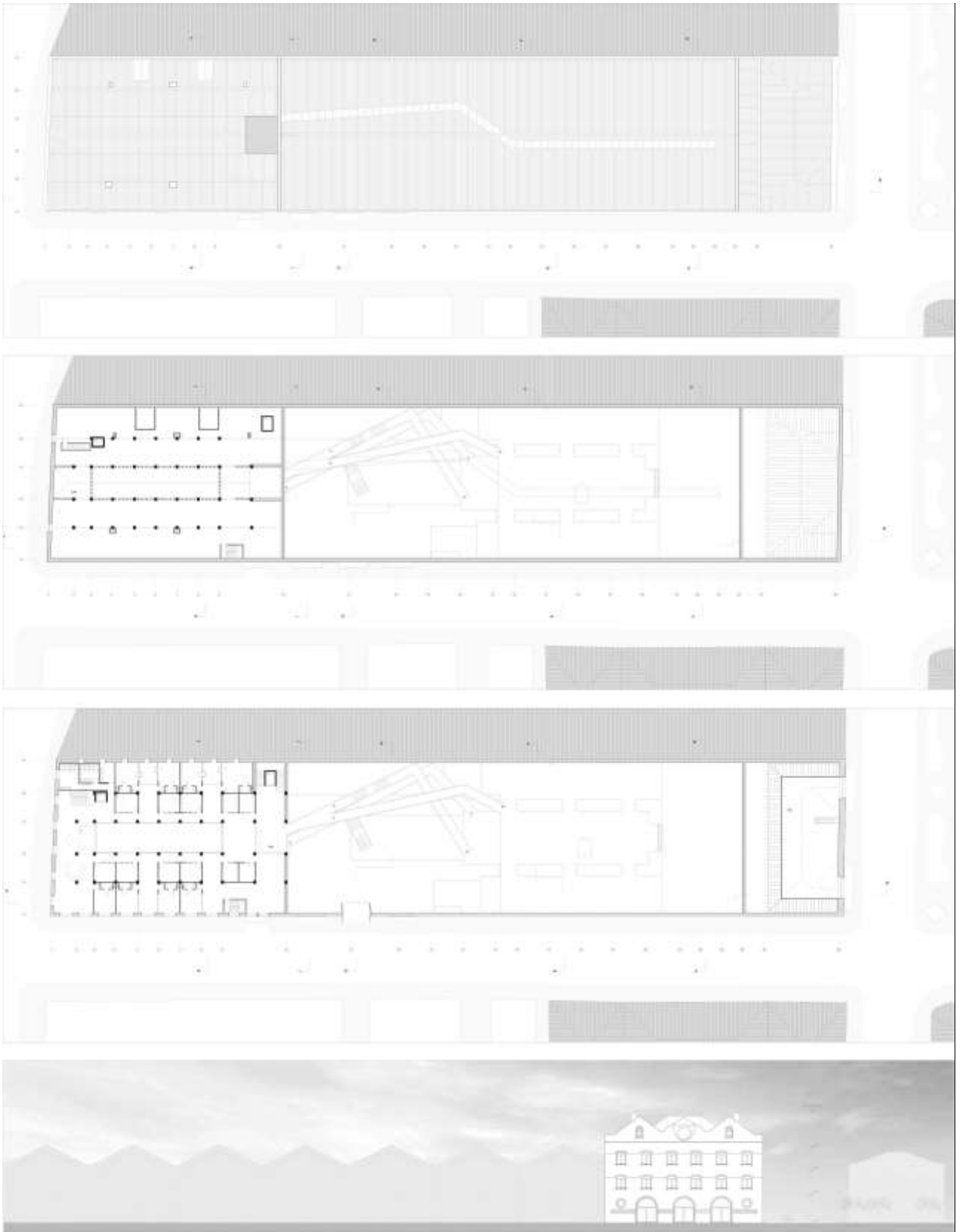


P 04

RECONVERSÃO DOS ARMAZÉNS ABEL PEREIRA DA FONSECA COMO ELEMENTO REVITALIZADOR DO POÇO DO BISPO, LISBOA
 João Paulo Marques Fernandes Martins - 20111411

Julho 2017

3



Universidade de Lisboa - Faculdade de Arquitectura
 Orientadores: Professor Auxiliar João Francisco Figueira - Professor Auxiliar João Luís Crispó

PROJETO FINAL DE Mestrado
 EM ARQUITECTURA

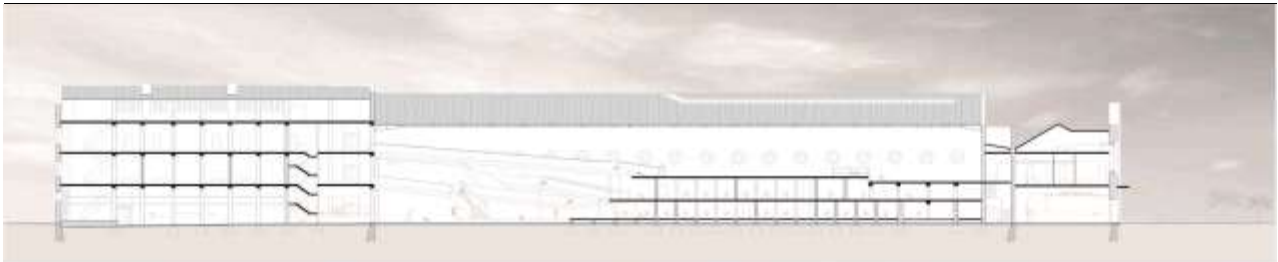
Plano de Urbanização
 Alameda do Poço do Bispo - Rua de Crispa da Ponte de Lisboa

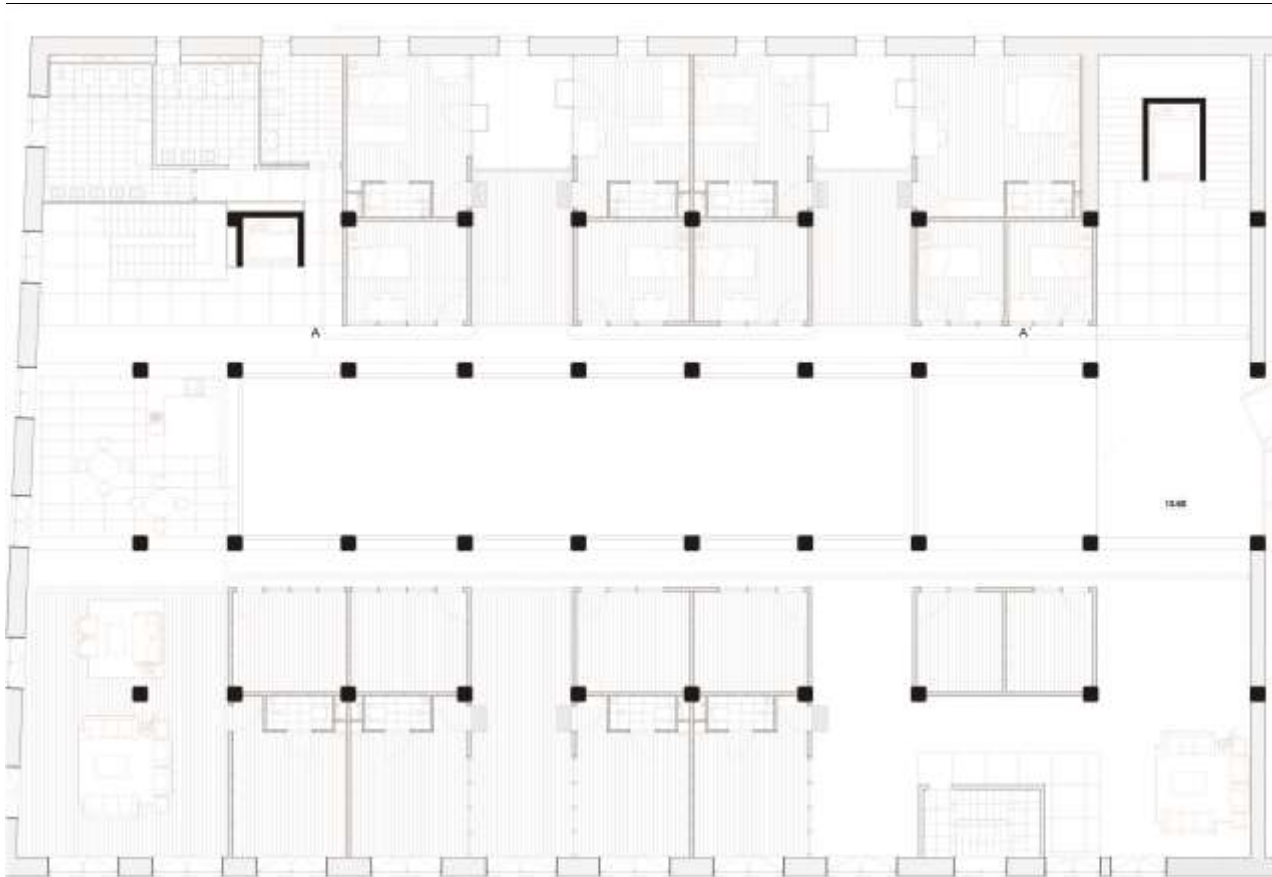


P 05

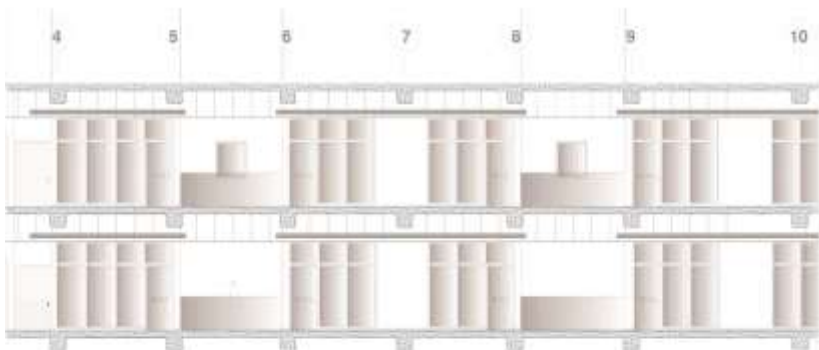
RECONVERSÃO DOS ARMAZÉNS ABEL PEREIRA DA FONSECA COMO ELEMENTO REVITALIZADOR DO POÇO DO BISPO, LISBOA
 João Paulo Marques Fernandes Martins - 20111411

Julho 2017





7.01 - P1a3 - Trabalho e alojamento temporário - 100



7.02 - Vista para Galerias de Trabalho, para 2 x 3 / 100

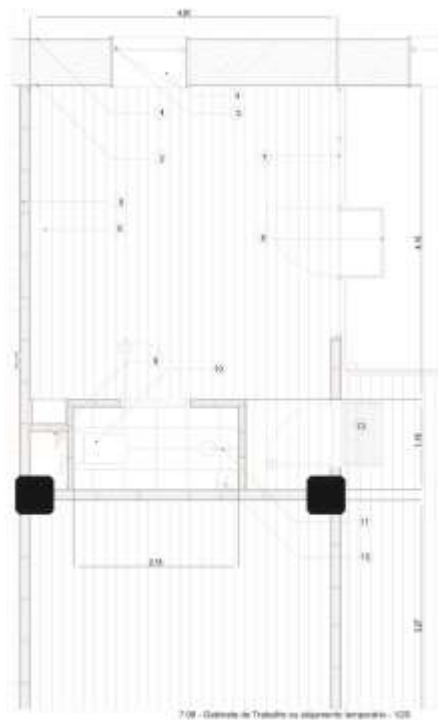


7.03 - Partição para as "Vozes" - 1/5

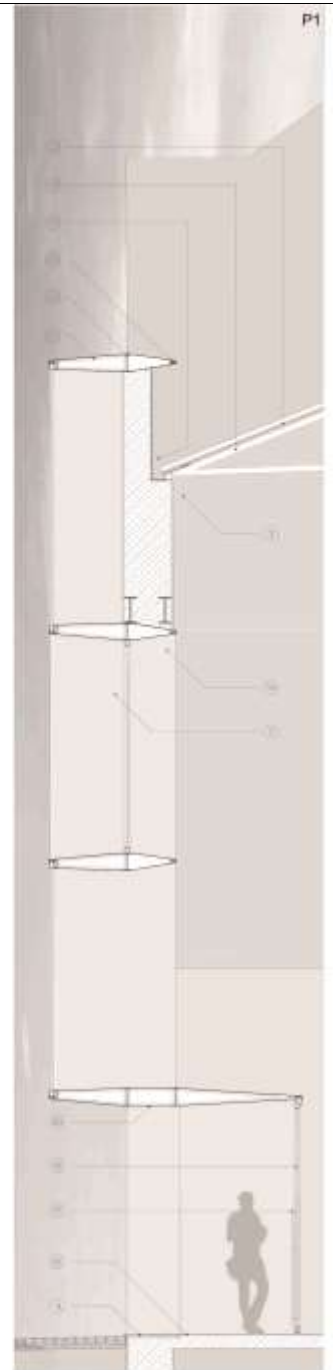
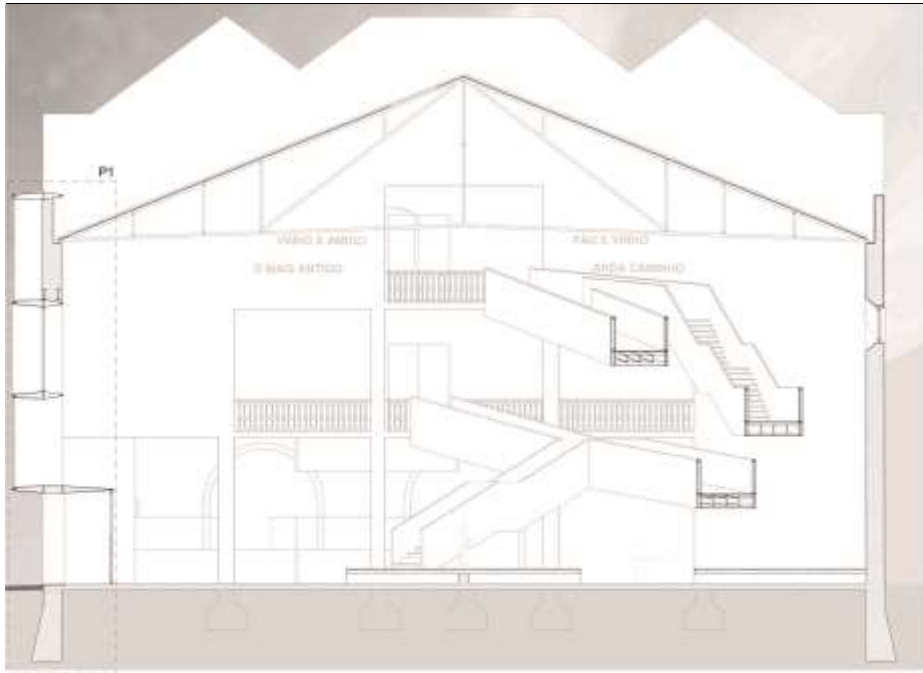


7.04 - Vista com Corrimão e vidrarias

- 1 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 2 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 3 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 4 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 5 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 6 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 7 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 8 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 9 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 10 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 11 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 12 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 13 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 14 - Estrutura de aço inoxidável para o piso
- 15 - Estrutura de aço inoxidável para o piso



7.05 - Galeria de Trabalho ou alojamento temporário - 1/25



- 1) Estrutura existente
- 2) Estrutura existente
- 3) Estrutura existente
- 4) Estrutura existente
- 5) Estrutura existente
- 6) Estrutura existente
- 7) Estrutura existente
- 8) Estrutura existente
- 9) Estrutura existente
- 10) Estrutura existente
- 11) Estrutura existente
- 12) Estrutura existente
- 13) Estrutura existente
- 14) Estrutura existente
- 15) Estrutura existente
- 16) Estrutura existente
- 17) Estrutura existente
- 18) Estrutura existente
- 19) Estrutura existente
- 20) Estrutura existente
- 21) Estrutura existente
- 22) Estrutura existente
- 23) Estrutura existente
- 24) Estrutura existente
- 25) Estrutura existente
- 26) Estrutura existente
- 27) Estrutura existente
- 28) Estrutura existente
- 29) Estrutura existente
- 30) Estrutura existente
- 31) Estrutura existente
- 32) Estrutura existente
- 33) Estrutura existente
- 34) Estrutura existente
- 35) Estrutura existente
- 36) Estrutura existente
- 37) Estrutura existente
- 38) Estrutura existente
- 39) Estrutura existente
- 40) Estrutura existente
- 41) Estrutura existente
- 42) Estrutura existente
- 43) Estrutura existente
- 44) Estrutura existente
- 45) Estrutura existente
- 46) Estrutura existente
- 47) Estrutura existente
- 48) Estrutura existente
- 49) Estrutura existente
- 50) Estrutura existente
- 51) Estrutura existente
- 52) Estrutura existente
- 53) Estrutura existente
- 54) Estrutura existente
- 55) Estrutura existente
- 56) Estrutura existente
- 57) Estrutura existente
- 58) Estrutura existente
- 59) Estrutura existente
- 60) Estrutura existente
- 61) Estrutura existente
- 62) Estrutura existente
- 63) Estrutura existente
- 64) Estrutura existente
- 65) Estrutura existente
- 66) Estrutura existente
- 67) Estrutura existente
- 68) Estrutura existente
- 69) Estrutura existente
- 70) Estrutura existente
- 71) Estrutura existente
- 72) Estrutura existente
- 73) Estrutura existente
- 74) Estrutura existente
- 75) Estrutura existente
- 76) Estrutura existente
- 77) Estrutura existente
- 78) Estrutura existente
- 79) Estrutura existente
- 80) Estrutura existente
- 81) Estrutura existente
- 82) Estrutura existente
- 83) Estrutura existente
- 84) Estrutura existente
- 85) Estrutura existente
- 86) Estrutura existente
- 87) Estrutura existente
- 88) Estrutura existente
- 89) Estrutura existente
- 90) Estrutura existente
- 91) Estrutura existente
- 92) Estrutura existente
- 93) Estrutura existente
- 94) Estrutura existente
- 95) Estrutura existente
- 96) Estrutura existente
- 97) Estrutura existente
- 98) Estrutura existente
- 99) Estrutura existente
- 100) Estrutura existente